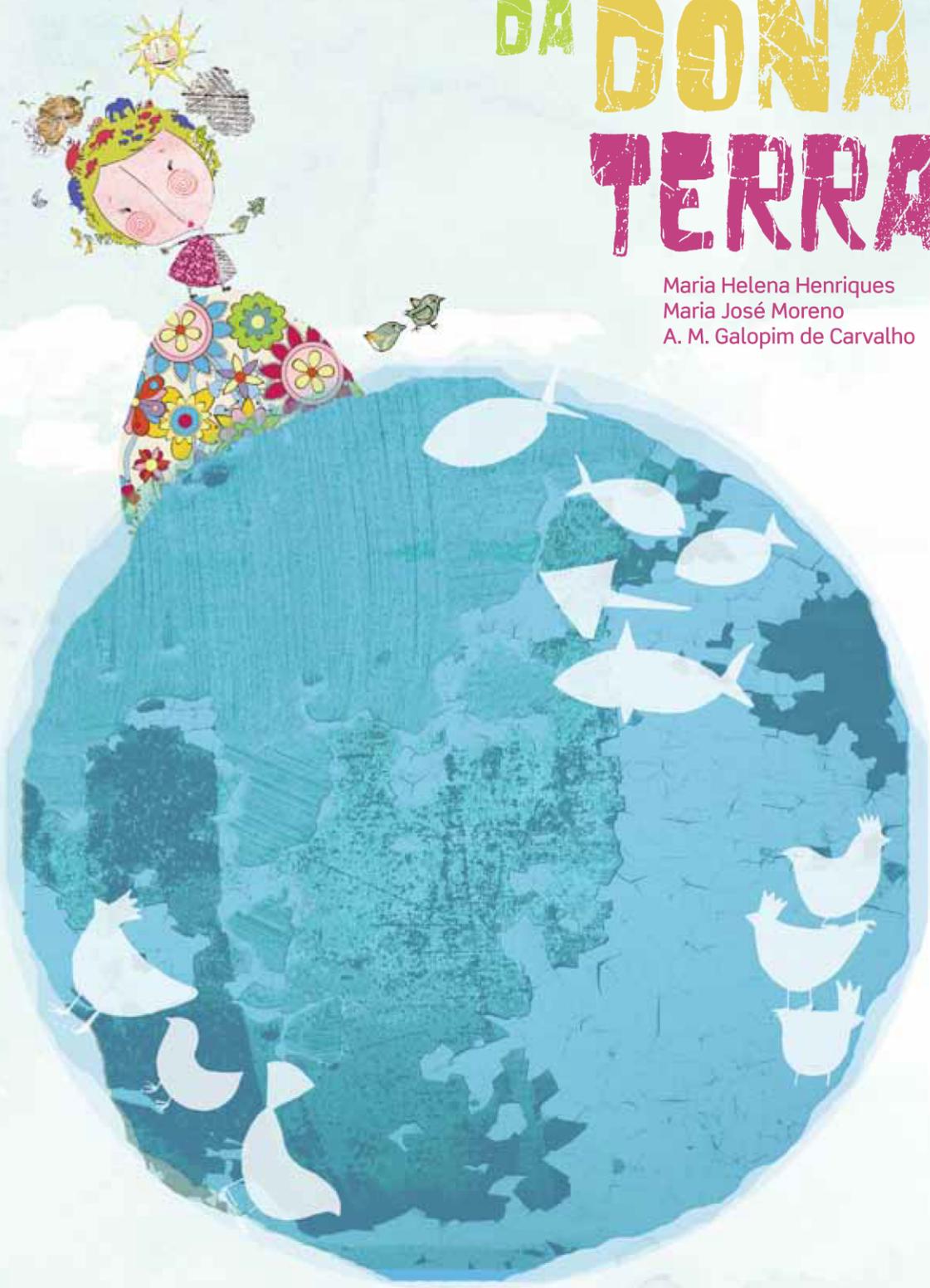


CONTOS DA DONA TERRA

Maria Helena Henriques
Maria José Moreno
A. M. Galopim de Carvalho



CONTOS DA DONA TERRA

Maria Helena Henriques
Maria José Moreno
A. M. Galopim de Carvalho

ilustrações: Maria Lebre de Freitas | Designways



MENSAGEM DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Os Contos da Dona Terra, agora reeditados com um novo grafismo, abrem-nos as portas da imaginação, da ciência, da criatividade, da solidariedade, da acção.

Este livro é um livro único porque os seus autores, sendo cientistas, suscitam o nosso interesse para querer saber mais sobre o Planeta “Azul”: esta Terra magnífica mas tão frágil se não soubermos cuidar dela.

O futuro do nosso Planeta, como todos sabemos, depende de nós! De todos nós! Grandes e pequenos... Cidadãos de Lisboa ou de qualquer outra parte do Mundo.

Mas “**Cuidar da Terra**”, é também cuidar do espaço em que habitamos: o nosso Jardim, a nossa Escola, o nosso Bairro, a nossa Casa, a nossa Cidade...

É deixarmo-nos surpreender pela diversidade de espécies de flora e fauna que povoam o **Parque de Monsanto**: seja pelo voo das Aves ou pelo canto característico das Carriças, seja pela cor do Pisco-de-peito-ruivo, pela habitual presença irrequieta do Melro-preto, ou pela «traquinice» do Esquilo Vermelho, que com a sua cauda peluda e insinuante, “trepa” pelos pinheiros..., e pelos sonhos da nossa infância!

É ainda acompanhar a simples agitação de uma borboleta que, por breves instantes, saltita entre os coloridos e perfumados frutos e legumes frescos que, aos sábados, no Mercado Biológico, do renovado **Jardim do Príncipe Real**, aproximam os Lisboetas do mundo rural.

É ganhar novas “forças”, no despertar primaveril dos Jacarandás que habitam algumas **ruas e avenidas** inspirando poetas e cantores, ou outras árvores de múltiplas cores (Olaias, Freixos,

Tílias, Carvalhos - Alvarinhos, Plátanos...) que se insinuam altivas e livres também por **Praças, Largos, Jardins e Miradouros** da Cidade.

É, igualmente, se quisermos, olhar mais longe e “mergulhar” na nossa história ou desfrutar a frescura de um **Rio**, esse **Tejo** que suaviza e “ilumina” a nossa Lisboa, convidando-nos a aproximar da zona ribeirinha, seja passo a passo, seja em corrida ou a andar de bicicleta, desde Belém à Praça do Comércio.

Os Contos da Dona Terra mostram-nos, enfim, histórias verdadeiras para compreendermos melhor a importância de agirmos em defesa da sua diversidade biológica! Trata-se, portanto, de um livro que nos leva a “viajar” pelas **Ciências da Terra**. Comecemos, pois, essa jornada! Pelos inúmeros rios, animais, pedras e plantas. Ousemos acercarmo-nos mais frequentemente do património natural, das paisagens, dos parques, das áreas protegidas... e sem nunca esquecer os espaços verdes da nossa Cidade!

António Costa
Presidente da Câmara Municipal de Lisboa



MENSAGEM DA COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO

Que os animais falavam, já todos sabíamos. E as pedras? E os rios? E será que o próprio planeta Terra não fala? Se falasse, o que é que diria?

Este é o ponto de partida do projecto abraçado por três académicos, oriundos de diferentes áreas científicas, que resolveram escrever dez contos sobre algumas das temáticas ambientais de relevância social que preocupam actualmente a Humanidade.

Tais preocupações vão ao encontro dos objectivos traçados pela Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014), no qual se inseriu o Ano Internacional do Planeta Terra - AIPT (2007-2009) - iniciativa que pretendeu dinamizar as Ciências da Terra a favor de uma sociedade mais segura e sustentável e o Ano Internacional da Biodiversidade - AIB (2010), cujo principal objectivo é encorajar e sensibilizar as pessoas para descobrirem a Biodiversidade que nos rodeia, compreender o seu valor, a nossa relação com ela e as consequências da sua perda.

A fim de contribuir para a dinamização das temáticas do AIPT e dos objectivos do Ano Internacional da Biodiversidade, em Portugal, a Comissão Nacional da UNESCO, constituiu formalmente o Comité Português Planeta Terra (www.comiteplanetaterra.org) e o Comité Português para a Biodiversidade (www.portugalbiodiversidade.org).

Em ambos os casos, múltiplas instituições, públicas e privadas, oriundas dos sectores académico, político, empresarial, ambiental, educativo, etc., aderiram aos Comités, comprometendo-se a implementar projectos de investigação e de divulgação dos objectivos quer do AIPT, quer do Ano Internacional da Biodiversidade.

As actividades dos dois Comités deram lugar a uma vasta troca de experiências e de boas práticas com efeito multiplicador, com efectivas parcerias

e sinergias que muito têm contribuído para a dinamização dos objectivos da Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável.

Destaco aqui, a profícua parceria entre a Comissão Nacional da UNESCO, o Comité Português Planeta Terra, o Comité Português para a Biodiversidade e a Câmara Municipal de Lisboa, que permitiu uma nova reedição deste livro.

Realço, igualmente, o espírito criativo e voluntário dos autores que, desta forma, contribuíram para a sensibilização de uma população mais jovem para as temáticas da referida Década, estimulando uma reflexão sobre possíveis soluções, e dinamizando, assim, processos de mudança tão necessários para um desenvolvimento sustentável.

Espero que os “Contos da Dona Terra” permitam levar mais longe a mensagem da Década, valorizando o papel da educação na formação de atitudes, valores e comportamentos, necessários para a construção de um futuro sustentável, estimulando o interesse da sociedade pelas temáticas aqui focadas e “... com a vantagem de Dona Terra assim manter a casa bem limpa e de o Homem não precisar de lhe assaltar a despensa a toda a hora...”.

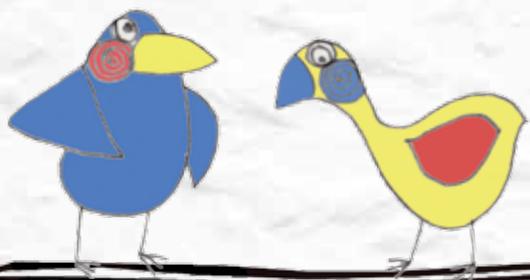
Fernando Andresen Guimarães
Presidente da Comissão Nacional da UNESCO



OS AUTORES

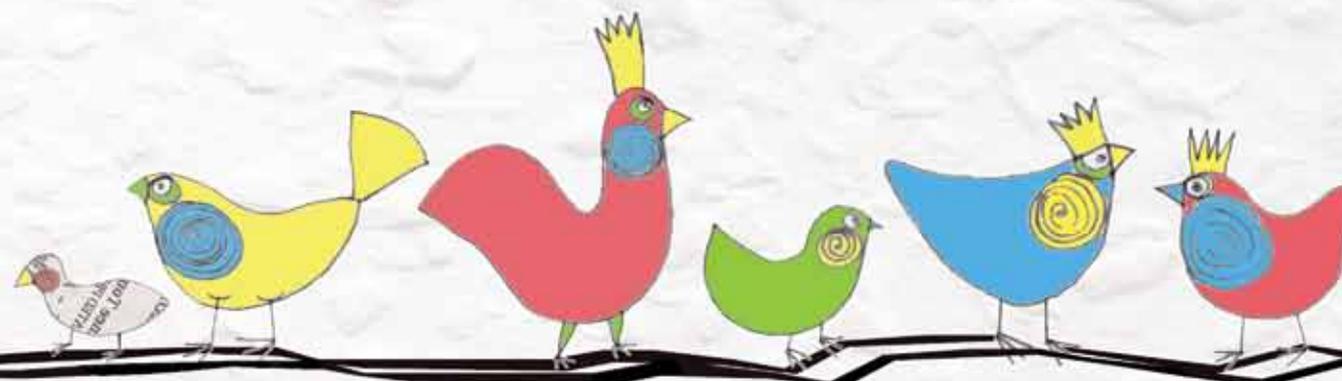
Maria Helena Paiva Henriques

Nasceu em Lisboa, em 1960. É licenciada em Geologia, doutorada e agregada em Paleontologia e licenciada em Jornalismo pela Universidade de Coimbra, onde lecciona Paleontologia e Estratigrafia, desde 1983, no Departamento de Ciências da Terra da Faculdade de Ciências e Tecnologia. Especialista em invertebrados fósseis de Jurássico, é autora ou co-autora de mais de 80 capítulos de livros e artigos científicos inseridos em publicações nacionais e estrangeiras. Na sua actividade jornalística incluem-se mais de 60 trabalhos publicados em jornais diários e revistas periódicas, com especial incidência em temáticas de divulgação das geociências, designadamente no âmbito do Património Geológico de Portugal.



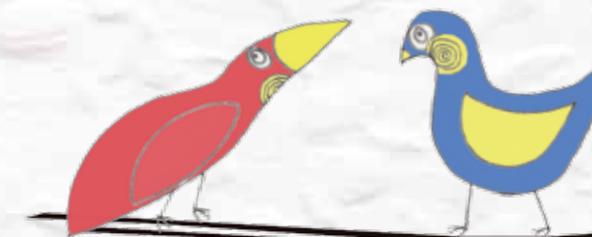
Maria José de Sá Miranda Moreno

Nasceu em Macedo de Cavaleiros, em 1957. É licenciada em Farmácia, doutorada e agregada em Química Farmacêutica e Fitoquímica pela Universidade de Coimbra, onde lecciona, desde 1981, no Departamento de Química Farmacêutica da Faculdade de Farmácia. É autora e co-autora de mais de 50 capítulos de livros e de artigos científicos, pedagógicos e de divulgação científica nas áreas de Química Orgânica, Química Farmacêutica, Sonoquímica, Catálise Homogénea, Educação em Ciências e Educação para o Desenvolvimento Sustentável.



António Marcos Galopim de Carvalho

Nasceu em Évora, em 1931. É professor catedrático jubilado pela Universidade de Lisboa, tendo leccionado no Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências a partir de 1961. É autor de 21 livros, entre científicos, pedagógicos, de divulgação científica e de ficção e memórias. Assinou mais de 200 trabalhos em revistas científicas. Como cidadão interventor, em defesa da Geologia e do património geológico, publicou cerca de 150 artigos de opinião. Foi director do Museu Nacional de História Natural, entre 1993 e 2003, período durante o qual produziu várias exposições e proferiu mais de duas centenas de conferências, por todo o país e no estrangeiro.



DONA TERRA

Maria Helena Henriques

ilustração: Maria Lebre de Freitas | Designways



Dona Terra é um planeta muito antigo, que vive num bairro muito conhecido do Universo, o Sistema Solar. Dona Terra foi viver para aquele bairro há muito tempo, seguramente há muitos milhares de milhões de anos. Foi há tanto tempo que ela já nem se lembra muito bem como tudo aconteceu.

Dona Terra gosta muito de viver no Sistema Solar. “Tenho bons vizinhos”, diz ela sorrindo para a Lua, a vizinha do lado. “Mas o meu vizinho preferido é o Sol”, acrescenta, “sem ele não poderia viver”.

E é bem verdade. O Sol dá a energia de que Dona Terra precisa para funcionar. Se Dona Terra tem flores no jardim, é porque o Sol lhe manda a luz para elas crescerem. Mas não só. É a energia do Sol que faz mover os ventos e as correntes dos oceanos, e que aquece a superfície de Dona Terra, o que lhe permite ter muitos animais e plantas em casa.

“Já tive mais”, diz ela, “e bem esquisitos”. Dona Terra aproveita para mostrar o seu álbum de fotografias, onde guarda as memórias em pedra de muitos animais e plantas que já hospedou em sua casa.

Abre o álbum e, em cada página, em vez de uma fotografia tem um fóssil, muito bem colado à página. E começa a contar: “Estas são as trilobites, muito parecidas com as baratas de hoje, só que viviam no mar”.

Dona Terra tem saudades das trilobites. Viveram na sua casa durante quase 300 milhões de anos. Depois desapareceram, tal como os dinossauros, que também viveram em casa de Dona Terra depois disso.

“É que, de vez em quando, eu tenho de fazer mudanças em casa”, diz Dona Terra, para explicar o desaparecimento de muitos outros organismos que constam do seu álbum de recordações. “Mudo os oceanos para o lugar dos continentes, os continentes para o lugar dos oceanos, e os meus hóspedes às vezes não se adaptam, e vão-se embora”, acrescenta.

É que Dona Terra, apesar da sua idade avançada, é um planeta muito activo, que adora mudanças. “Adoro mudar o pavimento dos oceanos”, diz entusiasmada. E mostra alguns locais dos fundos oceânicos do planeta onde, à mesma velocidade com que crescem as nossas unhas, ela cria um novo fundo. “E nos continentes, quando já não tenho onde os arrumar, encaixo-os uns em cima dos outros”, acrescenta Dona Terra, mostrando a arrumação que deu à cordilheira dos Himalaias, uma imensa pilha de montanhas que já chega quase ao tecto do mundo.

Às vezes cai tudo ao chão e pimba, “lá vai mais um sismo!”, diz Dona Terra, com ar travesso, bem diferente da cara



que faz quando está zangada e explode num tremendo vulcão, lançando chispas de lava vermelha pelos ares.

Tirando esses momentos de maior agitação, Dona Terra faz a sua vidinha de rotina. De manhã, acorda, abre as janelas e deixa iluminar o planeta. Os rios transportam os grãos de areia para o mar, de noite e de dia. Os ventos do deserto e os glaciares das terras altas, também trabalham sem parar. Mas a maior parte dos animais e das plantas só funcionam de dia. Precisam da luz solar para procurar comida e para se defenderem dos predadores.

“O pior é o Homem”, diz Dona Terra. “É o hóspede que mais dores de cabeça me dá”, lamenta. O Homo sapiens apareceu no planeta há cerca de 150.000 anos, mas nos últimos 2 séculos desarrumou-lhe a casa toda.

“Foi quando descobriu os meus tesouros, que este desatino começou”, diz Dona Terra com uma profunda tristeza. Primeiro, descobriu o carvão que Dona Terra guardava com tanto cuidado há milhões de anos nas caves do planeta.

Inventou máquinas a vapor para tudo e mais alguma coisa, que gastaram quase todo o carvão de Dona Terra. “Eu bem avisei”, diz ela muito decepcionada, ainda se lembra de ter dito aos comboios para reclamarem “Pouca Terra, pouca Terra”, na esperança de que os seus maquinistas parassem para pensar. Mas o Homem não ligou nenhuma às reservas de carvão que Dona Terra tinha na despensa e que estão já quase esgotadas.

Depois, o Homem descobriu o petróleo e o gás natural, e a coisa ainda foi pior. “Tenho a casa cheia de fumo e um grande buraco no tecto”, reclama Dona Terra. E também as reservas de petróleo e gás natural estão quase a esgotar-se, sem que Dona Terra tenha tempo de produzir mais. Isto porque os combustíveis fósseis levam milhões de anos a formar-se e o Homem gastou tudo num instante, na gasolina e no plástico.



“Não sei o que vai ser da humanidade no futuro”, diz Dona Terra, “nem de mim!”. E tudo isso sem necessidade nenhuma, porque existem muitas fontes de energia no planeta que permitem ao Homem fazer tudo aquilo que ele faz com o petróleo. São fontes inesgotáveis e não-poluentes. Dona Terra apressa-se a descrevê-las: “A energia do Sol, do vento e da água pode ser transformada, da mesma forma que a energia dos combustíveis fósseis, e fazer mover motores da mesma maneira que o petróleo”. Com a vantagem de Dona Terra assim manter a casa bem limpa e de o Homem não precisar de lhe assaltar a despensa a toda a hora.

“E é isso que o Homem vai acabar por fazer, tenho a certeza”, diz Dona Terra que, apesar de tudo, tem um grande fraquinho pela espécie humana. “Alguns seres humanos portam-se mal comigo”, acrescenta Dona Terra, “aproveitam-se do meu volfrâmio para fazerem bombas e cuidam mal os meus solos e a minha água, o que lhes tem trazido muitas desgraças”, afirma com alguma mágoa. “Mas há outros que me compreendem tão bem”, diz, orgulhosa. “Até inventaram uma ciência só para mim: a Geologia”.



A ESCOLA DE MOHS

Maria Helena Henriques

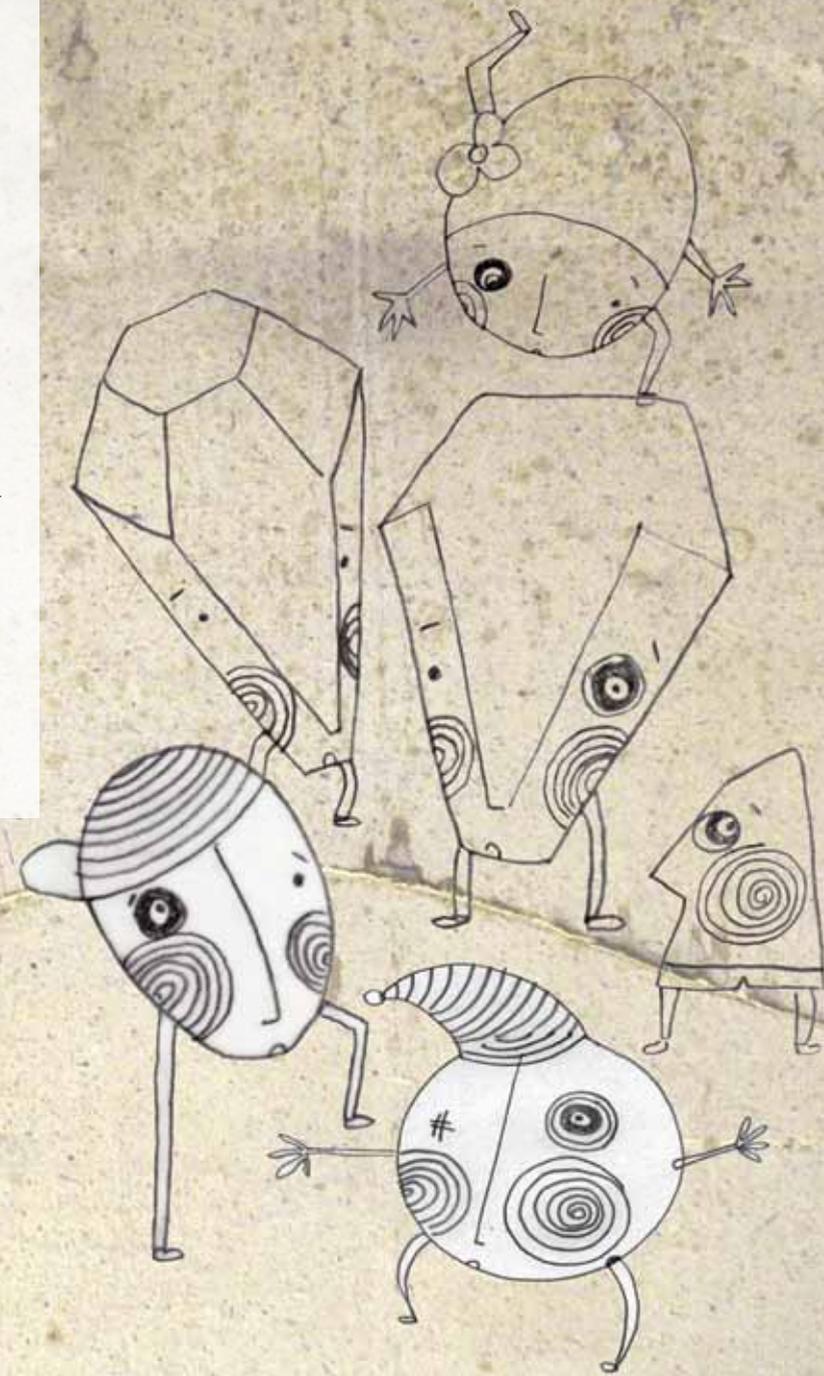
ilustração: Maria Lebre de Freitas | Designways



No Reino Mineral havia uma escola muito conhecida, a escola de Mohs, onde a palavra de ordem era dureza. Os alunos, que eram minerais, aprendiam da forma mais dura como resistir ao choque entre diferentes cristais, ou como os evitar, para não ficar com marcas nas faces. A risca de um mineral duro na face de outro, mais frágil, era para o resto da vida, e isso nenhum queria ter. Não havia nada mais triste do que um cristal baço, de arestas ratadas, a desfazer-se em pó, a quem ninguém saberia dar um nome.



O diamante era o mineral mais arrogante da escola e só se dava com o grupo dos minerais nativos, como o ouro ou o ferro. Era feito de carbono puro, e isso para ele representava dureza, mas sobretudo nobreza mineralógica. “A mim ninguém me toca!”, gritava aos quatro ventos, enquanto exibia a sua nota máxima, que era dez. “Risco todos os minerais que se aproximarem de mim”, continuava aos berros, “mas a mim ninguém me risca!”.





E era verdade, ninguém se atrevia a tocar-lhe. Nem o corindo, de dureza nove, lhe fazia sombra, apesar de ser temido por todos os outros minerais da escola, e de se incluir também no grupinho restrito das pedras preciosas. “Com o diamante, não quero contactos”, dizia ele, enquanto provocava o quartzo e o topázio, de durezas inferiores, e apesar de o quartzo gozar de enorme popularidade no Reino das Pessoas.

“Não me dão valor, pois não?”, reclamava o quartzo, “mas sem mim ninguém saberia as horas!”. Pois claro, é que, no Reino das Pessoas, quem é que não trazia no pulso um relógio, com um cristal de quartzo que o mantinha à hora certa? “Quartzo, todos usam”, continuava ele, “mas diamantes, só alguns!”. E dizia isto com uma raiva tal, que até as faces se coloriam de amarelo-citrino.

Mas este argumento servia-lhe de pouco na escola de Mohs, onde o que contava era a dureza dos minerais e não a sua abundância na Terra. O melhor era manter as distâncias com os minerais mais duros, senão levava uma riscadela numa face, e aí é que já nem servia para acertar relógios.

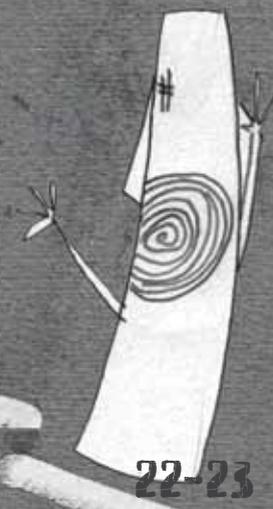
Era o que faziam os outros minerais de dureza inferior à dele, como a ortóclase que, ainda assim, sabia resistir à lâmina dos canivetes. Mas a apatite e a fluorite, que gostavam de se gabar do seu grande valor para a indústria, nem isso. E em caso algum entravam em discussões com o diamante. Ele era o mais duro da escola, é certo, mas por causa dele havia guerra no Reino das Pessoas, que faziam de tudo para o ter, embora a sua utilidade fosse muito discutível. Aparecia pendurado num fio, ao pescoço de uma rainha, ou a enfeitar a coroa de um rei.



“Tanta dureza serve de muito pouco”, cochichava a calcite que, por só ter dureza três, limitava as suas confidências ao gesso, ligeiramente menos duro que ela e que não precisava de fazer alarde da sua utilidade. Ela era bem visível quando alguém, no Reino das Pessoas, partia uma perna a fazer ski.

O talco, de dureza um, esse nem abria o bico. Era o menos duro da escola de Mohs e morria de tristeza pela sua condição de mineral frágil. “Não passas de uma pedra-sabão!”, diziam-lhe os colegas, sempre a humilhá-lo à frente dos outros. Mas ele não respondia. Depois das aulas, fazia a sua vidinha no Reino das Pessoas, sob a forma de giz, a traçar riscos brancos sobre as fazendas das costureiras e dos alfaiates.

E foi na casa de um deles que, um dia, enquanto o alfaiate anotava com um lápis as medidas de um cliente, conheceu a grafite. Era tão frágil quanto ele, apesar de, nas suas veias, correr o mesmo carbono do diamante. A sua risca cinzenta brilhante, desenhando números e letras em movimentos ondulantes sobre o papel, transformava a escrita num bailado irresistível. E foi amor à primeira risca.



GOTA DE ÁGUA

Maria Helena Henriques

ilustração: Maria Lebre de Freitas | Designways

Era uma gota de água completamente estouvada, tão rebelde e fugidia, que punha em estado de sítio o sereno Reino das Águas. Ora se enrolava nas ondas do mar em piruetas malucas, ora saltava para uma nuvem branca e seguia viagem para outros paradiços ainda mais radicais. “Uma desmiolada!”, queixava-se a mãe, uma tempestade tropical que também não tinha grande estabilidade para lhe oferecer. “A culpa é tua, que lhe deste muita liberdade”, respondia o pai, um ribeiro manso, mas completamente fascinado por trovoadas e aguaceiros.

E entre estes desabafos dos progenitores, que só não se entendiam relativamente à filha, a gota de água escapava-se de fininho e lá se punha a andar de novo para outras paragens do imenso Reino das Águas, à procura de aventuras.



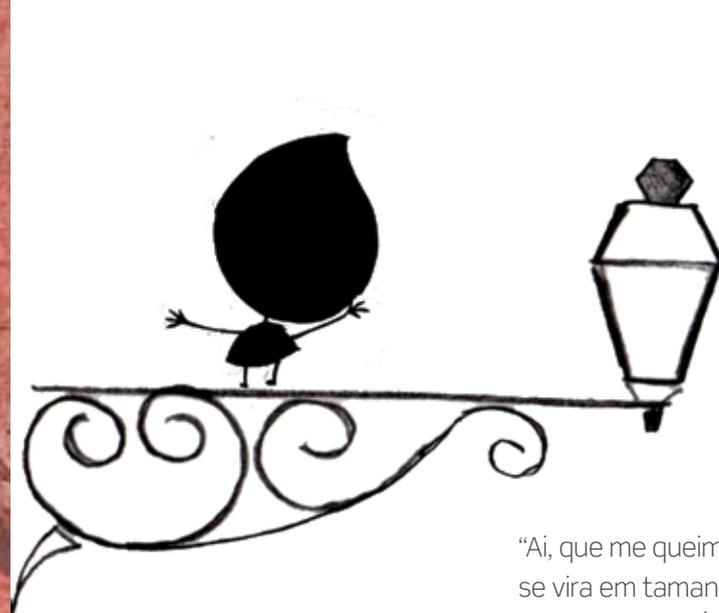
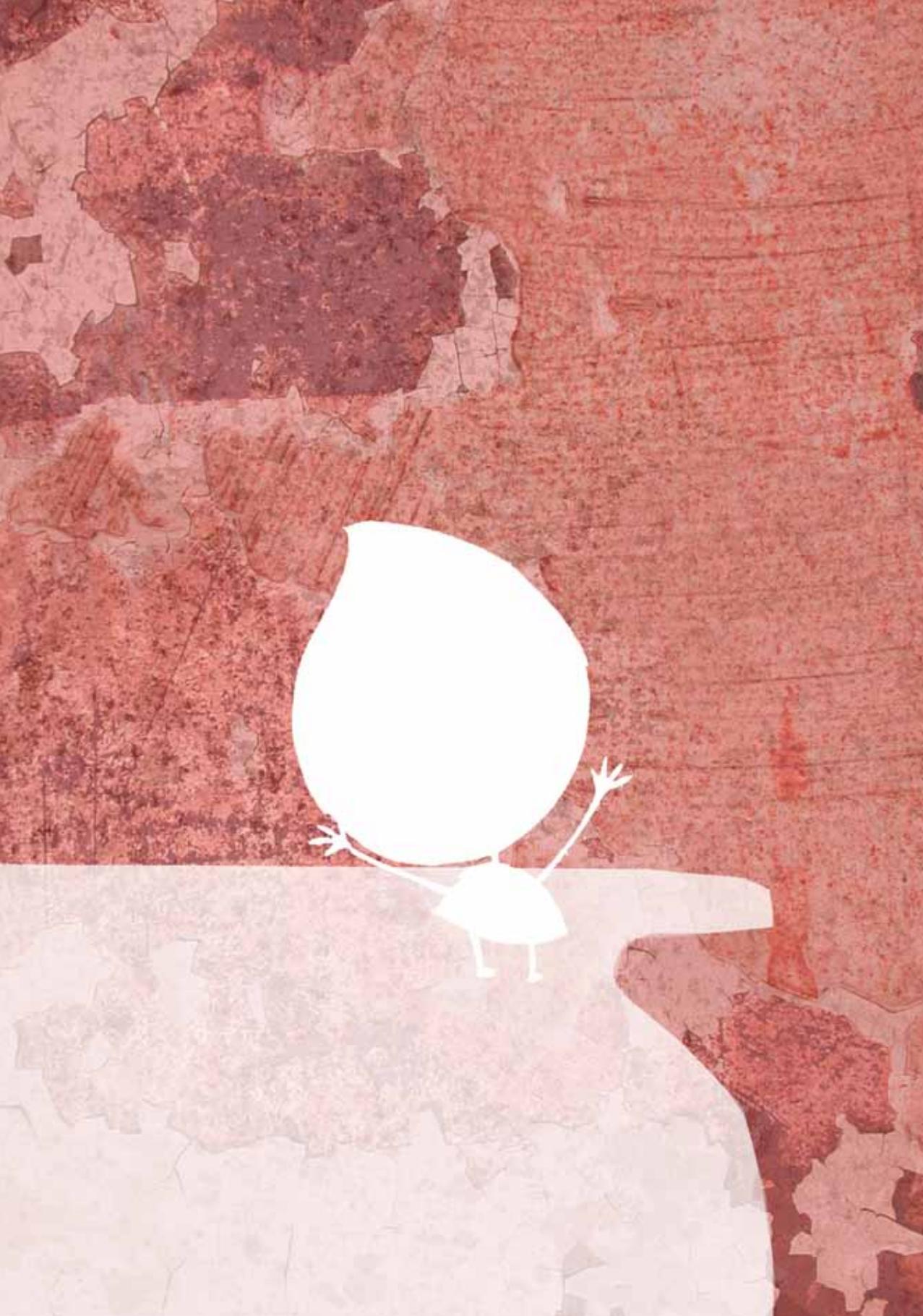
“Fica comigo, para conversarmos”, pedia-lhe o mar, que até se dava bem com uma certa agitação e achava piada ao seu temperamento vadio. “Não posso, estou com pressa!”, respondia-lhe a gota de água, a saltitar entre os grãos de areia da praia, antes de se pendurar numa brisa, que por ali passava, a caminho do lago de água doce.

“Olá, então de novo por aqui?”, perguntava-lhe o pacato lago, sem grande esperança numa conversa mais longa com a gota de água. “Estou de passagem, estou de passagem”. Só de imaginar-se sempre no mesmo sítio, a ouvir o coaxar das rãs, de manhã à noite, dava-lhe logo vontade de fugir. Não, águas paradas não eram para ela. E lá seguia viagem, esbaforida, à boleia do vento, rumo ao glaciar pendurado na montanha.

“Queres transformar-te em gelo e fazeres-me companhia?”, perguntava-lhe o velho glaciar, sem grandes ilusões sobre aquela criatura instável. “Não, que ainda me constipo”, respondia-lhe a gota de água, a tiritar de frio. Só de pensar em ficar ali agarrada à montanha durante todo o Inverno, embasbacada, a olhar para o voo rasante das águias, dava-lhe enjoos. Não, o estado sólido não era para ela. E depressa se agarrava a uma lufada de ar seco para partir de novo, com destino a poisos no estado líquido, onde podia mexer-se à sua vontade.

Mas um dia, nesse desatino de vai-e-vem sem critério, arranjou uma boleia numa massa de ar húmido de origem duvidosa, que entrou repentinamente pela janela de uma cozinha, e deu por si a precipitar-se numa panela de água a ferver.





“Ai, que me queimo!”, gritou a gota de água, que nunca se vira em tamanha aflição nas suas muitas andanças pelo Reino das Águas. Presa num turbilhão de água a borbulhar, os gritos de socorro eram abafados pelos roncões ensurdecedores do vapor que ecoavam do fundo da panela. E, por muito que se esforçasse, não conseguia que a ouvissem, nem muito menos trepar pela panela acima e escapulir-se. Tentou um salto atlético dali para fora, mas estatelou-se numa bolha de vapor que a engoliu com prazer e mergulhou no fundo da panela, onde o calor era ainda maior.

“Acudam, que me vou evaporar!”, gritava desesperadamente, enquanto lamentava ter desprezado a amizade do lago, onde poderia ter ficado sossegada no estado líquido, em vez de se meter em aventuras escaldantes. Pensou no convite do velho glaciador e arrependeu-se de não o ter aceite, apesar da pasma-ceira do estado sólido. “Que parva que eu fui!”, disse a choramingar, jurando a si própria que iria tomar juízo.

Mas, agora, era tarde demais. Sem apelo nem agravo, foi enviada logo de seguida para a atmosfera. E ali ficou uns tempos de castigo, no estado gasoso, internada numa nuvem cinzenta, de onde só saiu muito mais tarde, transformada em pingo de chuva de uma tarde de Inverno.

AS MIL E UMA

Maria Helena Henriques

ilustração: Maria Lebre de Freitas | Designways

ESPÉCIES

Maria Helena Henriques

ilustração: Maria Lebre de Freitas | Designways

O macaco e a tartaruga apaixonaram-se perdidamente e foi a maior confusão na selva. A família do macaco, pais, tios e primos, cada um em seu ramo na árvore da família, esbracejavam como loucos. O avô gritava “Este mundo está perdido!”, e a mãe guinchava “Eu já lhe tinha arranjado uma macaca para noiva!”. De boas famílias, de uma árvore não muito longe daquela. E o pobre macaco, encolhido no seu ramo, suspirava pela noite para se poder encontrar na praia com a sua amada e dar asas à sua paixão.



Mas, no mar, a confusão não era menor. A família da tartaruga organizou uma reunião de emergência, em local apropriado e à hora marcada: na praia, ao fim da tarde, pelas 6 horas. Sob um pôr-do-sol tropical, lá foram chegando lentamente, pé-ante-pé, tartarugas de todos os lados do oceano. Havia que tomar decisões. Aquele romance não podia continuar.

Já estavam todas as tartarugas instaladas na areia à espera do início da reunião, quando, por fim, chegou a tartaruga mais velha da família. Pesada como um rochedo, avançou para o grupo e, sempre de rosto sisudo, disse solenemente: “Temos aqui um grave problema”.



Todas abanaram as cabeças, em sinal de concordância. Depois, fez um longo discurso, do tamanho da sua vida, para chegar à conclusão de que nunca tinha visto nada assim. “Isto não pode ser!”, disse ela, a rematar a reunião. Deu meia-volta e dirigiu-se para o mar.

A vida não estava fácil para o casal de apaixonados. Nem o macaco nem a tartaruga tinham o apoio das famílias para continuarem o seu romance. Foi com muita tristeza que relataram um ao outro estes factos, quando se encontraram, essa noite, em segredo.

A tartaruga, de lágrima no olho, só dizia que não entendia porquê, e o macaco, a coçar a cabeça, achava que era má-vontade da família. “É porque não gostam de nós”, acrescentava o macaco. E a tartaruga, cada vez mais triste, encolhia a cabeça para dentro da carapaça e suspirava.

Foi então que, por detrás de um arbusto, surgiu a silhueta de um leão. Tinha estado de longe a ouvir a conversa e achou que tinha uma palavra a dizer. Afinal, ele era o rei da selva.

“Bom”, rugiu de mansinho. “Dão-me licença?”. E sentou-se com toda a pompa, entre o macaco e a tartaruga.

Depois começou a explicar porque é que o casamento entre um macaco e uma tartaruga não podia dar certo. “Gosto muito de borboletas”, dizia ele, “mas se eu me quisesse casar com uma, não poderíamos ter filhos, porque somos de espécies diferentes. E depois, quando já fosse muito velho, se não tivesse um filho leão como eu, quem é que tomava conta da selva?”

“Essa é boa!”, dizia o macaco, a coçar novamente a cabeça. A tartaruga esticou a cabeça para fora da carapaça, arregalou os olhos de espanto e disse “Nunca tinha pensado nisso!”.

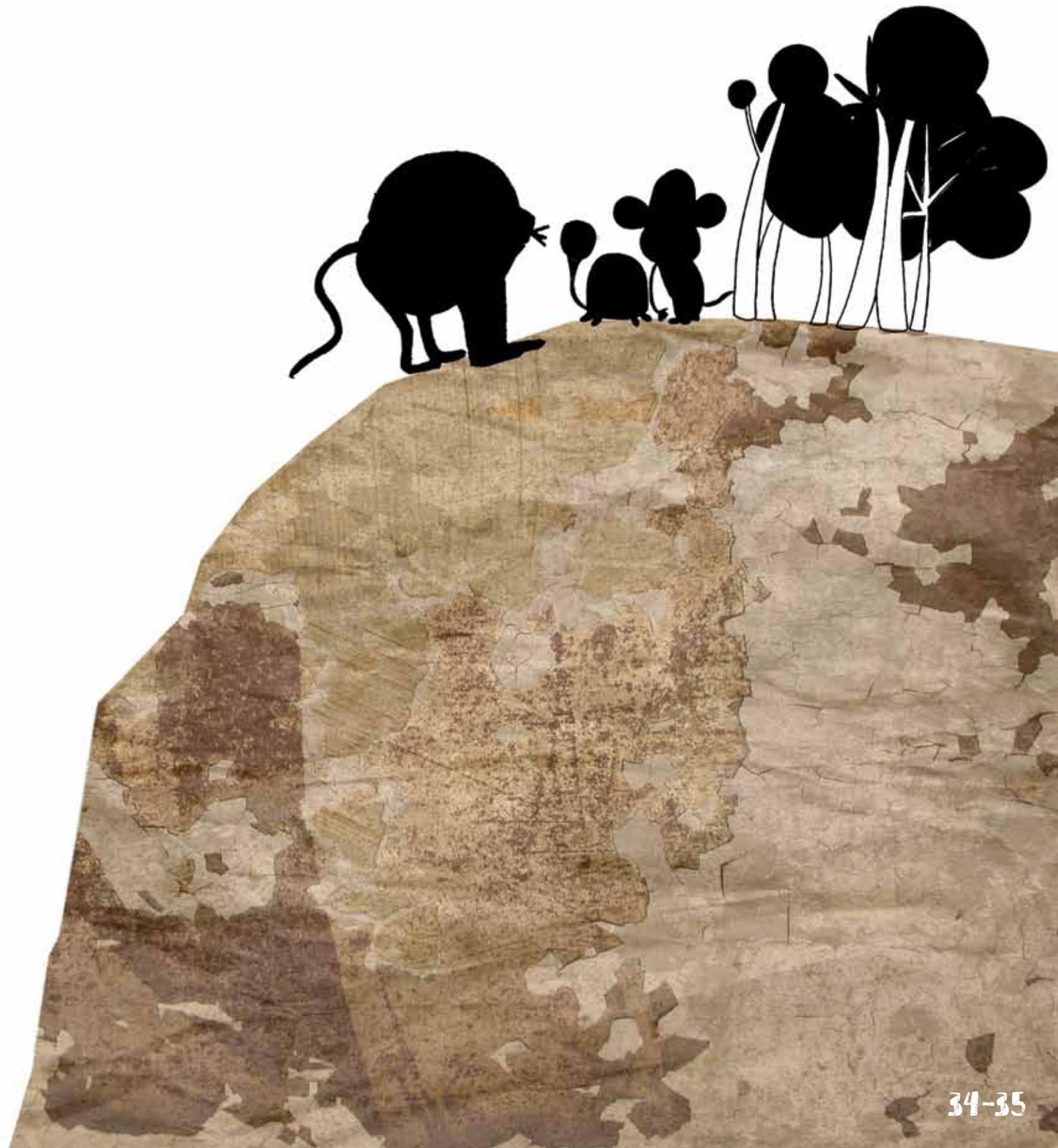
“Pois é”, continuou o leão, “e há mais! O macaco gosta de viver em terra, comer folhas e frutos e andar pendurado nas árvores. A espécie a que pertence é assim, e isso não tem nada a ver com a da tartaruga.”

“Eu não posso viver sem o mar”, suspirou a tartaruga, que até já tinha saudades de nadar. “Eu gosto é de saltar!”, respondeu o macaco, aos pinotes.

Eram mesmo de espécies diferentes, cada uma com os seus hábitos e os seus gostos, e era assim que funcionava a natureza.

“Perceberam a confusão que arranjaram?”, perguntou o leão. O macaco e a tartaruga disseram que sim. Disseram também adeus um ao outro e prometeram encontrar-se ali na praia, de vez em quando, para conversarem. A tartaruga mergulhou no mar e desapareceu, e o macaco deu um salto para o ramo de uma árvore que tinha folhas bem apetitosas. Mas antes de continuar o caminho rumo à árvore da sua família, o macaco ainda perguntou ao leão “Olha lá, nem a minha espécie nem a tua falam como a espécie dos Homens, não é?”. O leão concordou. “Então porque é que nós estamos a falar?”, disse ainda. O leão sorriu e respondeu “Não vês que isto é uma fábula, palerma?”.

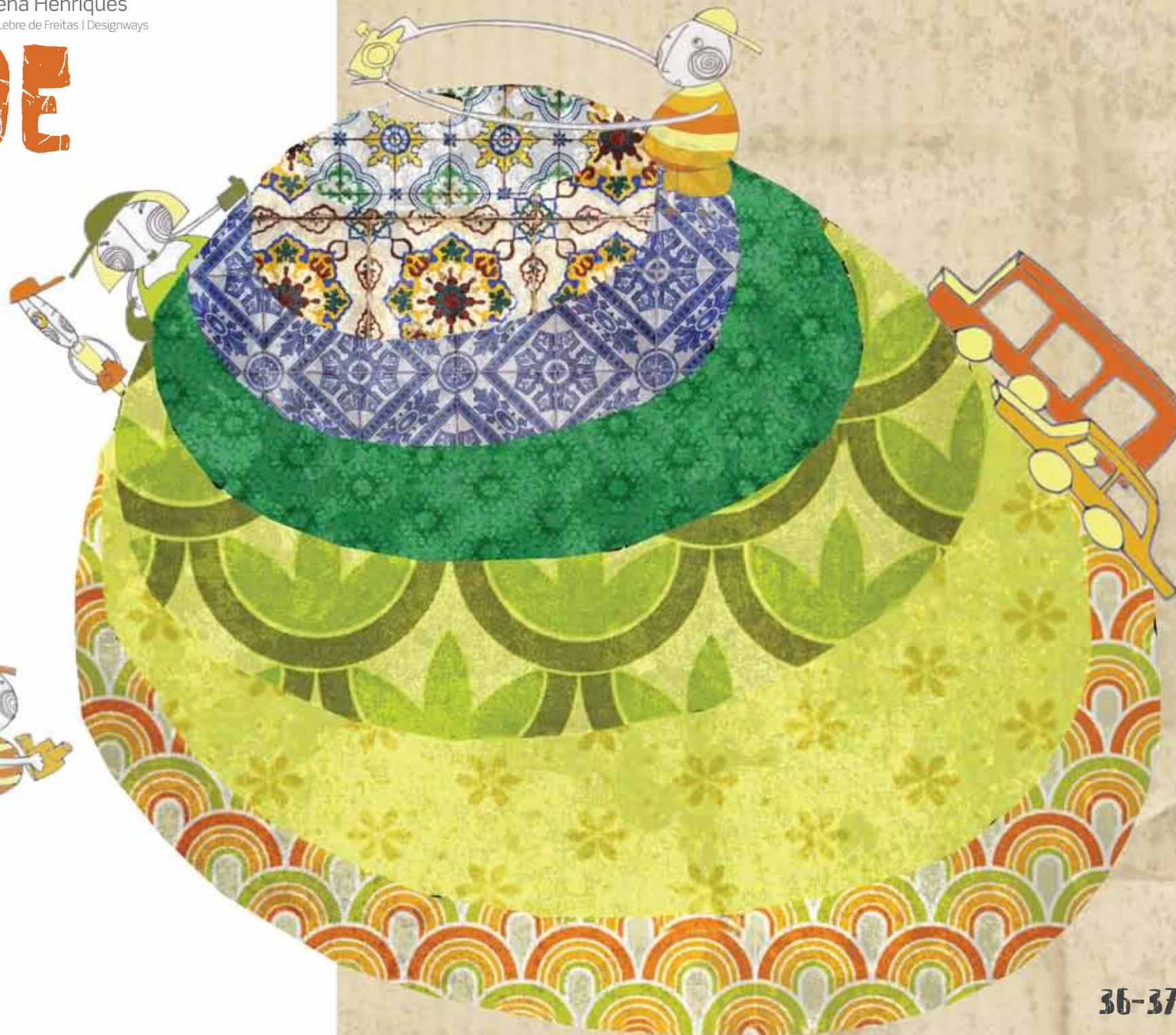
E não disseram mais nada porque, na verdade, os macacos, as tartarugas, os leões e todos os outros animais não falam. Só o Homem, que até pode inventar histórias sobre eles.



FOGO QUE ARDE E NÃO SE VÊ

Maria Helena Henriques
ilustração: Maria Lebre de Freitas | Designways

Era uma vez um vulcão que vivia ali para o lado dos trópicos, mesmo no meio de uma ilha paradisíaca. Estava inerte há décadas, mas mantinha o seu ar imponente. De estrutura cónica perfeita, com um pico bem erguido para o céu, era capa de tudo quanto era folhetos turísticos das redondezas.





Todos o davam como extinto, até porque já ninguém se lembrava de alguma vez o terem visto em erupção. Sinais vitais não se lhe conheciam: fumarolas, nada à vista, e sismos, muito menos. “Este já não faz mal a uma mosca!”, diziam as pessoas que habitavam as suas vertentes, ávidas pela chegada dos turistas, que pagavam fortunas para os guiarem na escalada radical até ao topo, onde uma cratera adormecida se prestava a fotografias heróicas.

O vulcão ruminava entre dentes “Eu não estou morto!”, em ténues roncões que o vento que embalava as suas vertentes diluía na doce melodia da maresia.

De vez em quando apareciam por lá uns chatos, que não se vestiam nem se divertiam como os turistas. Vulcanólogos, assim se designavam. De ar sisudo, punham-se a auscultar o vulcão com aparelhos esquisitos, vociferando aos quatro ventos “Saíam daqui, isto é perigoso!”. Qual quê! Os turistas continuavam a fotografar freneticamente o vulcão de frente e de lado, a cores e a preto e branco, numa algazarra que calava os murmúrios que se exalavam do interior da cratera: “Eu não estou morto!”.

Depois de subirem por uma vertente e descerem por outra, a volta ao vulcão terminava num glorioso churrasco num restaurante situado na sua base, onde a gritaria continuava, agora porque comparavam entre si as milhentas fotografias tiradas na cratera, num desassossego que só acabava à hora de irem embora, já de noite.

Nessa altura, o vulcão suspirava de alívio e sabia que, até ao dia seguinte, era dono do seu silêncio. Já não era nenhum jovem e aquela gente toda em cima das suas vertentes, de manhã à noite, sete dias por semana, davam-lhe cabo do cone vulcânico, que ele se esforçava por manter como tal. Um dia, o vulcão acordou sobressaltado, com o barulho ensurdecido de um exército de retro-escavadoras a subirem-lhe para a cratera.

Meio estremunhado, pôs-se à escuta daquilo que o condutor da primeira máquina da fila gritava para os demais, enquanto parava a monstruosa viatura: “É aqui, é aqui!”. E todos o imitaram. “Mas é aqui, o quê?”, pensava o vulcão, que sabia muito bem não guardar nas suas entranhas nenhum tesouro que interessasse escavar.

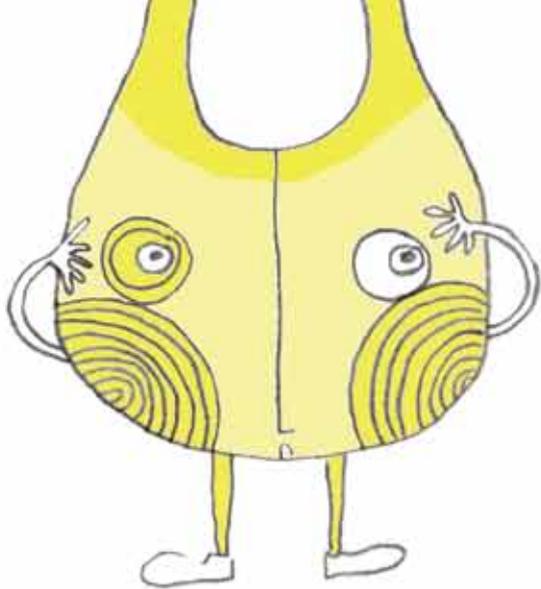
O homem da frente reuniu-se com os demais, desenhando um círculo à volta de uma grande folha de papel cheia de figuras geométricas, e declarou com ar solene: “Aqui vai nascer a primeira discoteca que alguma vez se construiu em cima de um vulcão!”.

O vulcão engoliu em seco. Era de mais. Já não bastava aturar turistas todo o dia, que não respeitavam nem direitos de privacidade nem de imagem, e agora tinha de os aturar de noite, sabe-se lá até que horas. Isto não era horário laboral que se apresentasse a ninguém. Um vulcão também não é de ferro, bolas!

Estava completamente descontrolado, à beira de uma crise eruptiva. A indignação era tão profunda, que não conseguia parar de tremer. Deu dois murros na câmara magmática, o que piorou ainda mais o seu estado. Sacudiu-se umas quantas vezes, de forma violenta, o que obrigou à evacuação compulsiva de toda a gente para bem longe dele.

Só acalmou muitos dias depois, não sem antes libertar toda a sua raiva em chispas de fogo que furaram o céu de noite e de dia e encharcaram o ar de um odor a enxofre, convencendo finalmente toda a ilha de que não estava morto.





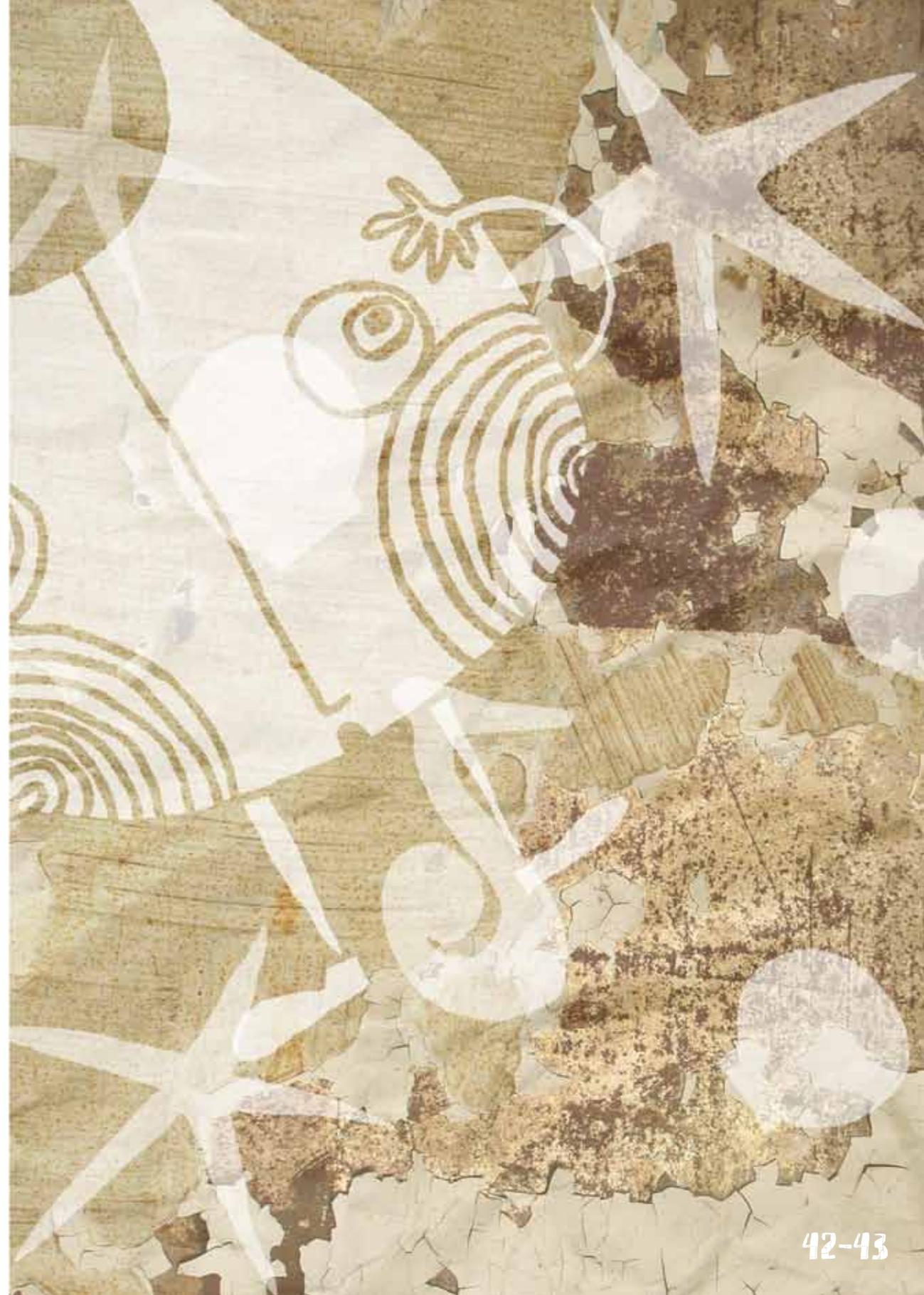
DOM PLÁSTICO

Maria José Moreno

ilustração: Maria Lebre de Freitas | Designways

Dom Plástico estava furioso. Sentia-se desconsiderado. Aquele miúdo piroso deixara-o na praia, abandonado.

— Ora santa paciência! Que espécime é este? Já não há decência? Que grande peste! Que criatura horrorosa! — exclamava Dom Plástico, de peito feito, em polvorosa, exigindo respeito. Não tinha muita altura, mas fazia grande figura. Nascera em berço de ouro negro, era um nobre descendente, com origem natural, o que admirava toda a gente. Como ele havia mais, tinha muitos parentes, todos geniais, criados em laboratório — Hum? ...Como? Agora já eram demais? Mas, quando criaram os primeiros, foi um falatório.



Os cientistas repetiam: — Fantástico! Fantástico!
E logo esclareciam: — Descobrimos o Dom Plástico!

Aí, todos perguntaram: — Para que serve, podem dizer?
E eles responderam: — Para muita coisa, já vão saber...

Sempre que se descobria uma nova utilização, o poder de Dom Plástico crescia. Que revolução! Substituía os outros materiais e ainda perguntava, com satisfação: — Gostaram? Querem mais?

Dom Plástico, mal tinha acabado de nascer, já estava a dizer: — Quero ser saco de supermercado, quando crescer!

Perante esta vocação, a família toda reunida tomou a decisão de o enviar para o Super da Avenida. Foi bem recebido, o emprego tinha saída, estava muito agradecido, não queria outra vida!

Dom Plástico convenceu-se de que tudo acontecia conforme planeado e que ia ser usado e reutilizado, sempre que necessário. Também queria ser reciclado. Sim, porque ele não era otário! Tinha que se manter actualizado.

Cumprida a sua função, o mínimo que exigia era um tratamento adequado à sua alta condição. Não tolerava ser confundido com um resíduo comum, daqueles biodegradáveis, sem mais préstimo nenhum. Afinal, aquele miúdo piroso deitara tudo a perder.

— Hei, psst... por favor, leva-me para o embalão. O ecoponto é tão perto, não me deixes ficar aqui, ao rebolão... Isto não está certo!

Mas todos os que passavam fingiam não ver, continuavam e não queriam saber. Dom Plástico rodopiava ao sabor do vento norte. Subitamente, uma rajada mais forte, aprisionou-o num rochedo. Ali ficou, sozinho e com medo, junto a um pequeno lago cheio de seres marinhos que tinham ficado retidos quando a maré baixou. Logo que viram o intruso... desataram a nadar em parafuso.

— Eu sou o peixe Barnabé. O que vi, ali na margem, pôs-me as escamas em pé. Estou sem coragem. É uma coisa alucinante!... É um Ser... Asfixiante! ”

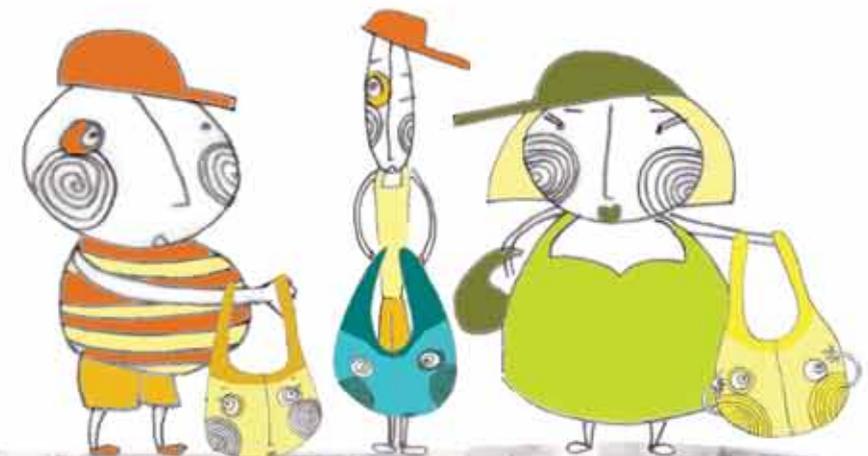
— Também estou apavorado, estes Seres Asfixiantes até empanturraram a baleia! — acrescentou o peixe Dourado, que só de pensar nisto quase entrava em apneia.

A notícia espalhou-se rapidamente.— Eu sou o peixe Germano e acho que o Ser Humano é muito imprevidente. Não sabe ser gente! Pensa que a Natureza tem paciência de elástico e enche-a de Asfixiantes a que chama sacos de plástico. Polui a TERRA, o AR e o MAR... Isto não pode continuar!

O peixe Listado, grande conversador, era viajado e muito sabedor. — O que me deixa tenso é que este plástico é pouco denso. É maleável, sabe voar e boiar, o que o torna indomável para nosso grande azar. Ali defronte, há até quem conte que as árvores se cobrem de plásticos às cores e já não dão flores. Não pensem que as vítimas somos só nós... Aves marinhas, crias de albatroz, são mortas aos milhares por Plásticos que andam a boiar nos Mares.

Desta conversa histórica, surgiu uma conclusão que, em rima molhada e sem métrica, foi proclamada com convicção: — O SER HUMANO É MAIS PREOCUPANTE QUE O ASFIXIANTE.

A indignação aumentava e o coro não cessava. Se os ânimos aquáticos continuassem a aquecer, a água do pequeno lago ia ferver.



Então a Raia, que era muito reservada, não se conteve e meteu a colherada: — Mandem uma mensagem ao Asfixiante que está perto da margem, ali mesmo adiante.

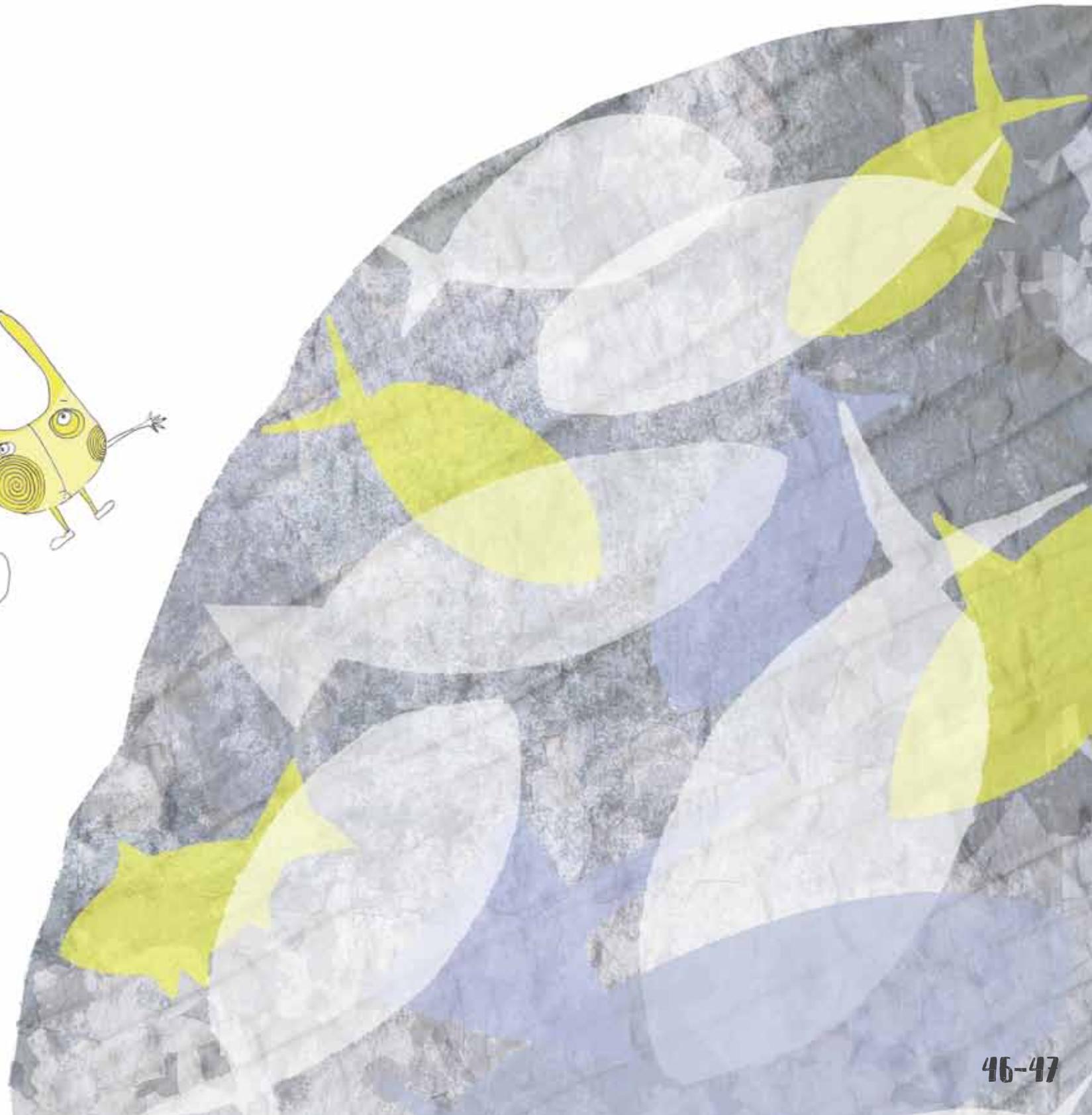
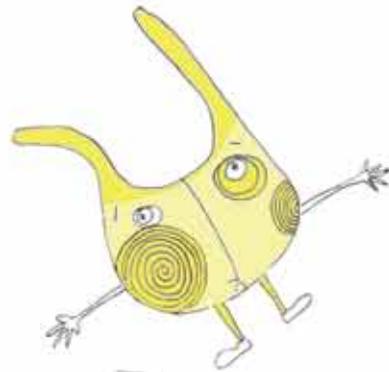
Dito isto, gerou-se um grande tumulto que quase descambou em insulto. Aí, a Raia, toda compenetrada, disse que não alinhava na peixeirada e pediu permissão para a sua intervenção — Este terrível invasor incute-nos justificado temor, mas disso não tem consciência. Precisa de uma advertência! Um mensageiro devemos enviar com a missão de trazer e levar toda a informação. De todos os que aqui vejo, sugiro o Caranguejo.

— Eu?... Eu não aceito. Outro deve ser eleito! O Caranguejo nem se aguentava nas patas. Sem pingo de sangue nas guelras ali ficou de gatas.

Então, de rompante, a assembleia deliberou enviar o Lavagante, que logo partiu para se ir apresentar. A surpresa do Asfixiante foi total. Timidamente, balbuciou: — Dom Plástico é o meu nome. — E, após alguma hesitação, ainda acrescentou: — Perene, o meu cognome.

— Muito prazer em conhecer! — retorquiu o destemido Lavagante, acabado de saber que Dom Plástico, o Perene, era o Asfixiante.

Mantendo a compostura, começou a conversa que conduziu com pata dura e sem pressa. Dom Plástico ouviu atento. Desconhecia o mundo aquático que tanto o temia e não tinha ideia do mal que fazia. Falaram, riram, fizeram amizade e declararam: — ISTO NÃO É CONVERSA DA TRETA. TODOS TEMOS QUE CUIDAR DO PLANETA!

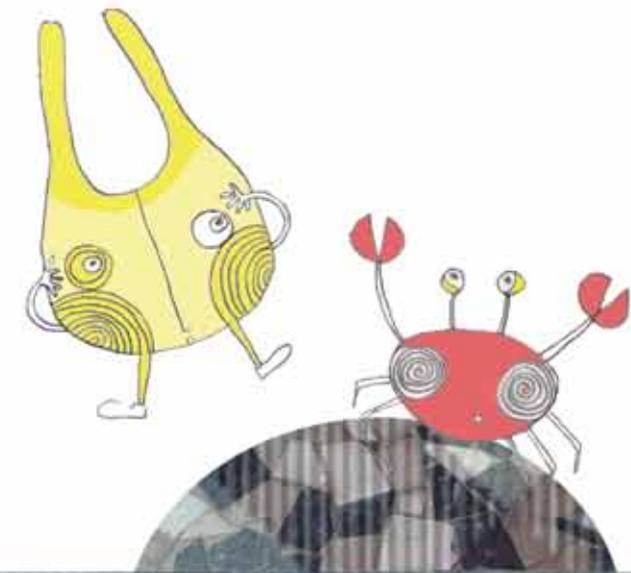


Na despedida, o Lavagante resolveu perguntar: — Perene porquê? Podes dizer?

— Porque vou viver centenas de anos, neste Planeta. Julgas que é peta?
Achas que é bom ser tão durável? É bem melhor ser biodegradável!

— Então, vamo-nos encontrar sempre que eu reencarnar. Ou será reempixar?

Entretanto, a maré subiu e Dom Plástico fugiu... Anda por aí! Alguém o viu?



DIÁLOGOS DE PAPEL

Maria José Moreno

ilustração: Maria Lebre de Freitas | Designways

O riacho murmurava, a abelha zumbia e o passarito chilreava quando lhe apetecia. Que bom! Que rica melodia! E todos aumentavam o som, assim que o sol nascia. Esta orquestra natural era muito mais musical que aquela sinfonia matraqueada pela impressora do escritório durante todo o dia.

“Mais papel que estou com fome. ...
Trrre-te-te... Esta já está!...
Mais papel que estou com fome...
trrrre-trrrre-te... Quem me dá?
Mais papel que estou com fome...
trrrre-te-te... trrrre... Quero, agora e já!”

Que musiqueta pedante! Que maquineta arrogante!
Merecia ouvir esta lengalenga irritante:
“Quem a agarra, quem me acode...
Eu sou a folha de papel,
que esta matraca come
como se fosse um pastel.
Quem me agarra, quem me pega,
eu não sou favo de mel.
Acabem com a cegarrega,
ponham-na a tinta de fel!”





Estava farta daquele escritório. Que impressora devoradora. Escrevera todo aquele palavrório, já não suportava ouvir a palradora. Fizera o que ela mandara, trabalhara duro. Nunca se enganara e pensou que, depois de ter sido usada, não tinha qualquer futuro. Afinal, quando menos esperava, ia ser reutilizada. Pois bem, não se atrapalhava. Até se sentia lisonjeada por ter um fim diverso.

Era uma folha com frente e verso, onde alguém escrevera, à mão, uma calorosa mensagem que dizia “ACAMPAMENTO DE VERÃO”.

— Ótimo! Sabe-me a férias.... Adoro esta reutilização! — matutava ela, com a cabeça cheia de ideias para pôr em acção. Logo de seguida foi levada para a floresta e colocada à entrada do acampamento. Aquilo parecia uma festa, ia ser um grande divertimento.

A folha de papel deixava-se embalar pela brisa suave que a fazia dançar. Suspensa de um ponto alto olhava em redor, cheia de encantamento. Subitamente, deu um estremeção... teve um desfalecimento. As palavras ficaram zonzas, baralharam a terminação e agora o que se podia ler era “VENTO DE ACAMPAMERÃO”!... Coitadas, estavam mesmo tontas! Logo tratou de as arranjar e, muito discretamente, continuou a reparar em tudo quanto via. Era capaz de jurar que aquela árvore era... tal qual... a sua melhor amiga! Este reencontro muito a comovia porque uma amizade como esta jamais se esquecia. Ela abalara, a árvore tinha permanecido... E agora, quem acreditaria que aquela bonita paisagem era o local onde havia nascido?! Não! Isto não era miragem. Tinha que falar com ela. Tinha que ganhar coragem. A sua amiga estava muito bela. Era uma árvore esbelta, com tronco alto e copa densa. Tinha porte de atleta e uma bonita presença.

— Hei... tu aí... não me estás a reconhecer? Olha para aqui!

A árvore achou estranho e pensou “Estou a enlouquecer. O que é que eu ouvi? Não estou a perceber.”

— Hei... Sou a tua amiga, não te lembrás? A árvore continuava a achar que estava com problemas. A voz era-lhe familiar... mas seria a sua amiga? Podia acreditar, ou o sol estava-lhe a fazer mal?

— És mesmo tu? Será possível? O que é que te aconteceu? Estás com um ar incrível! Encolheste, empalideceste, estás toda espalmada. Pareces um fantasma com cara assustada. Em que mundo tens andado a vegetar?

A folha de papel deu uma gargalhada... A árvore não parava de a interrogar e ela achava-lhe piada

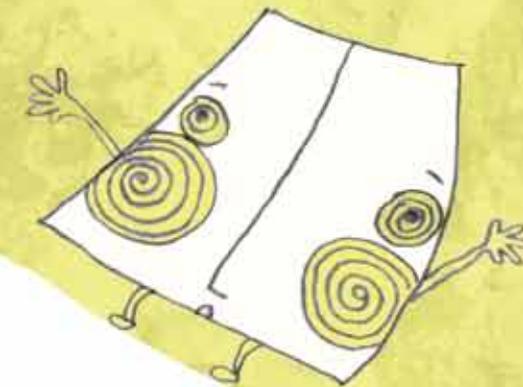
— Então, regressaste às origens para me provocar vertigens? Não me contas onde arranjaste esse visual? Porquê? Tens medo que eu queira um igual?

A folha de papel estava toda vaidosa e a árvore continuava muito admirada:

— O que é que fizeste à tua copa frondosa? Que grande carecada! Porque é que ficaste tão diferente de mim?

— Não estamos tão diferentes assim. Ambas temos um entrelaçado de fibras naturais a que chamam celulose.

— Pois olha, se isso é alguma virose, atacou-te muito forte — continuava a árvore — Eu acho que estou com sorte porque, para além dessas fibras naturais, tenho outras coisas mais, por exemplo... raízes. E tu cortaste as tuas para não ficares de pé, cheia de varizes? — Sem qualquer tento na língua ainda perguntava: — Agora, é o vento que te alimenta? Ainda és capaz de respirar ou resolveste deixar de trabalhar?



— Não tenho raízes porque já não preciso. Agora os meus alimentos são figuras e letras, números e gravuras. Olha que isto não é peta, nem estou com travessuras.

A árvore nunca tinha ouvido outro tanto e abria a boca de espanto. Como não estava a perceber, pediu à amiga para lhe dizer o que é que fazia e para que é que servia. Então a folha de papel desenvolveu o tema como se estivesse a declamar um poema: — Usam-me para aprender e ensinar, para escrever e desenhar. Posso ser lisa ou quadriculada, pauta de música, tabuada...Sou uma vedeta. Todos precisam de mim neste planeta. Para tudo sou usada por Alunos e Mestres, até para enviar mensagens a seres extra-terrestres!

A árvore estava admirada, mas ela não queria mudar de vida. Gostava de ajudar as gentes e os animais e, por isso, ela e as parentes davam-lhes comida, abrigo e produtos medicinais. Adorava ter os pés bem assentes na terra e de purificar o ar da serra. Não tinha vida mole.

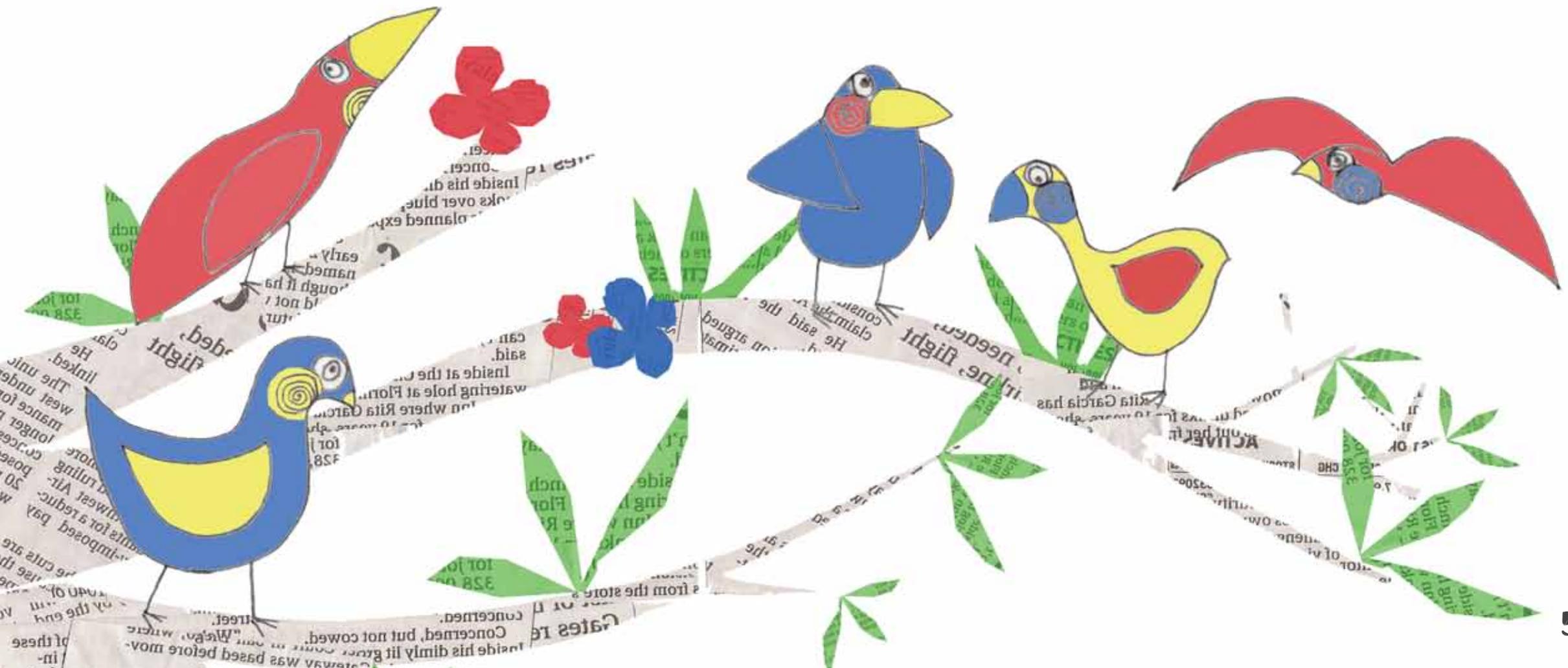
Precisava de trabalhar e, enquanto havia sol, estava sempre a juntar dois Ós, para dar O2. Assim, num golpe de génio, produzia o oxigénio que cada ser vivo inspirava, a plenos pulmões, desde que nascia até que morria, em todas as ocasiões.

— Eu quero permanecer aqui, no sítio onde nasci, — disse, franzindo a testa. — Nós, as árvores, ajudamos a cuidar do Planeta Terra e eu gosto desta missão honrosa que me deixa muito orgulhosa. Na floresta dou e tenho abrigo e ninguém me molesta. Só há perigo quando o fogo é ateado e, sem respeitar nada, avança desenfreado. Aí sinto medo de ser devorada pelas chamas escaldantes, que são bem piores que as maquinetas arrogantes.

— Ah, eu também tenho pavor a ser queimada! — exclamou a folha de papel. — O que eu quero mesmo é ser reciclada.

— Que conversa tão complicada!.. Uma árvore transformada em papel de escrita... é, para mim, coisa nunca vista. Bem me podias explicar. E que é isso de ser reciclada? — dizia a árvore, sem perceber nada.

— Olha, a minha história é muito comprida. Explico-te noutro dia, porque não pode ser contada de corrida...



MEGASPIRINA

Maria José Moreno

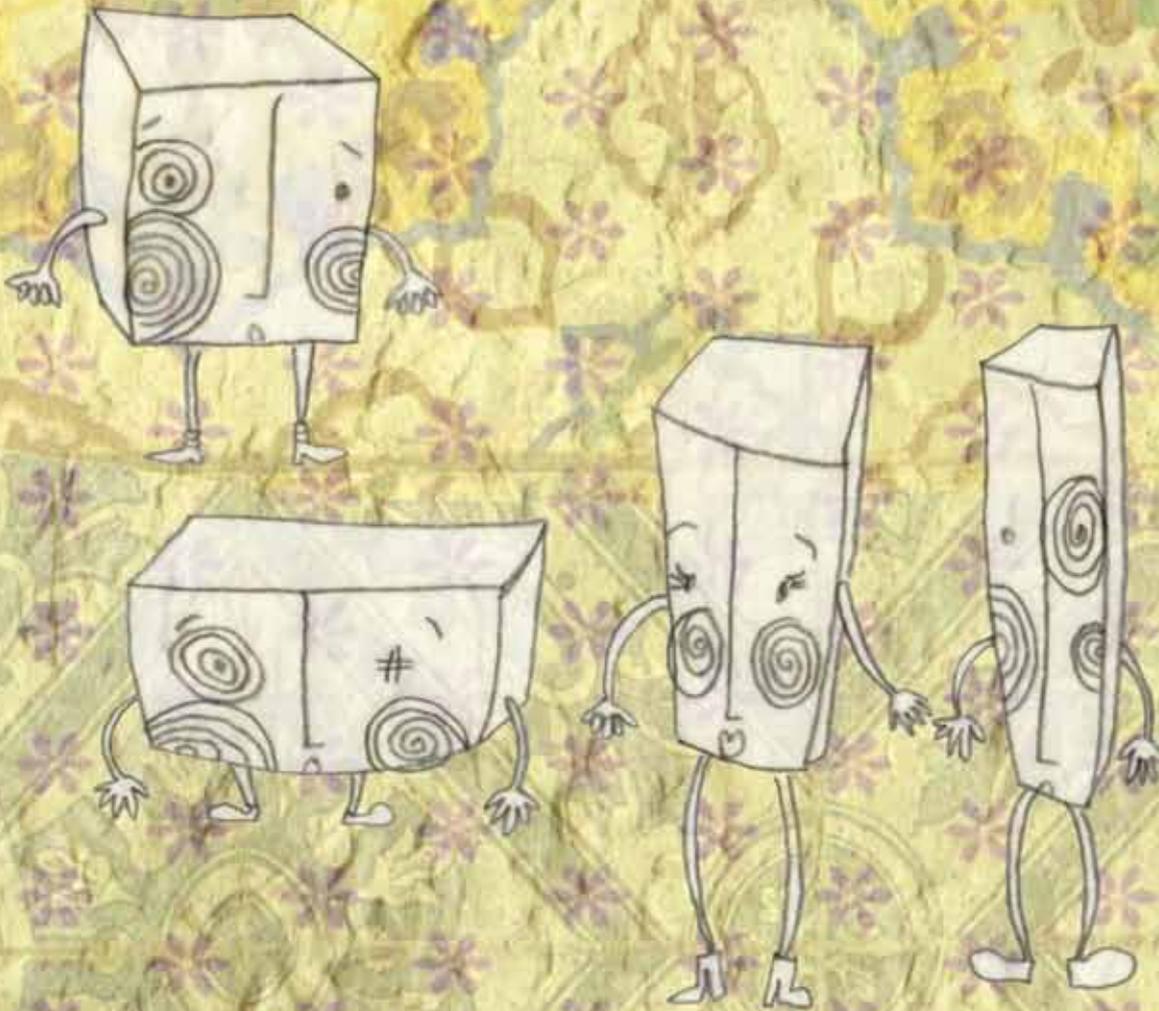
ilustração: Maria Lebre de Freitas | Designways

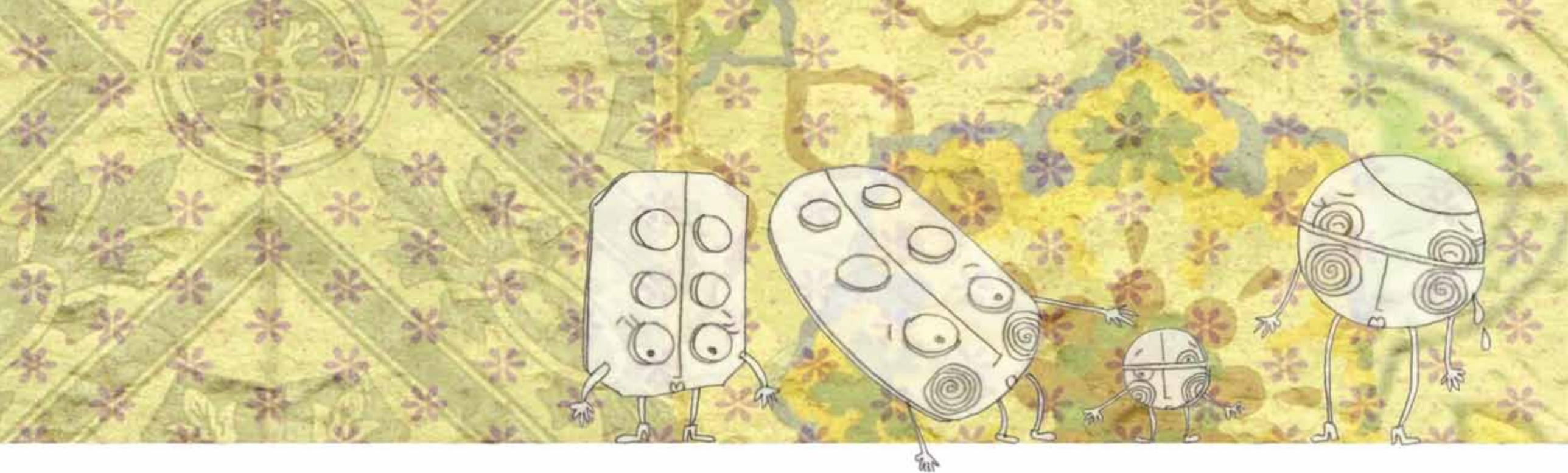
A Megaspirina nasceu num laboratório e logo que fizeram dela comprimido enviaram-na para a Farmácia Paladina. Agora, ali estava muito sossegada, dentro de uma embalagem que tinha o seu nome a tinta dourada por cima de uma bonita imagem.

Na Farmácia Paladina tudo estava organizado por ordem alfabética e a Megaspirina, achava esta ordem muito piadética. Sempre que olhava à sua volta, via nomes começados por M escritos em todas as caixas, umas mais altas e outras mais baixas, brancas, coloridas, estreitas e compridas. Nalgumas dessas caixas estavam acondicionadas as suas primas mais anafadas. A Megaspirina só pesava alguns miligramas, era franzina mas muito ladina. Por isso nada lhe escapava e, quando não sabia, perguntava. Havia uma coisa que muito a intrigava. Precisava de descobrir o que representava aquela imagem que alguém tinha desenhado na sua embalagem. Assim, logo que a Farmácia fechou, começou a investigar para arranjar pistas, sem dar nas vistas. De mansinho, saiu do seu lugar e começou a perguntar, correndo o abecedário de A a Z, como em seguida se vê:

— Olá, eu sou a Megaspirina. Olha bem para a minha embalagem e diz-me se conheces esta imagem?

Fez a mesma pergunta a todos os comprimidos, às pastilhas efervescentes, aos xaropes com sabores diferentes, às drageias para adultos e petizes e até aos supositórios tipo foguetão, mas todos lhe disseram... NÃO!





A Megaspirina continuou para a zona da Farmácia Paladina onde havia muita chupeta e biberão, pró menino e prá menina. Achou tudo uma gracinha mas pensou “Com certeza ainda não falamos, só palram” e, por isso, nada perguntou. Muito despachadinha, foi procurar alguém que soubesse mais e aí encontrou as cápsulas de produtos naturais. Não perdeu tempo e retomou a sua função.

— Olá, eu sou a Megaspirina. Olha bem para a minha embalagem e diz-me se conheces esta imagem?

Logo que pôs a questão ao primeiro, respondeu-lhe o coro inteiro:

— SIM, a imagem da tua embalagem é uma árvore chamada SALGUEIRO.

De repente, todas aquelas cápsulas de produtos naturais desataram a falar sem lhe ligarem mais, até que alguém perguntou:

— Estás constipada, Megaspirina?

— Não, estou emocionada — respondeu ela, envergonhada e a lacrimejar.

— Hã?... Estás a chorar para provar que és da família do salgueiro? Ele também é um chorão! Assim, até me cortas o coração. Pára de olhar para nós com essa cara de paspalho! — começou a agradecer a cápsula de alho, com o seu mau hálito.

— Oh, deixa-te desse hábito! Estás sempre a brincar. Se ela não conhece os antepassados, não se pode desculpar. É uma ignorante! — afirmou, com ar importante, a cápsula de cenoura que era muito louca e só ficava contente a vitaminar toda a gente.

Mas a flor de laranjeira, que gostava de deitar água na fogueira, logo se preparou para a defender: — A Megaspirina, se for ensinada, vai aprender. Qualquer petiz é um aprendiz — declarava ela, muito perfumada e branca como o giz.

— Deixem-na em paz! — disse a cápsula de oliveira, já irritada. — Deixem-na crescer que ela vai mostrar do que é capaz.

— Ai vai?... Então, eu espero deitada — respondeu a cápsula de valeriana, que estava sempre ensonada.

Esta conversa deixou a Megaspirina muito baralhada. Regressou ao seu lugar, junto das primas anafadas e contou-lhes que era penta? ...tetra? ...bis? ...neta de um salgueiro! Ao ouvirem isto, ficaram pasmadas. — Estás a falar sério? Achas que és parente daquela árvore a que todos chamam chorão? — Ela disse que sim, mas as primas foram doutra opinião. — Deves estar com febre, vai tomar um banho de imersão. Tu não és um produto natural. Todas nós nascemos num laboratório e se isso te faz sentir mal... vai pôr um supositório.

A Megaspirina ficou zangada. Deu um empurrão na prima do lado que era a mais anafada e disse com desembaraço: — Vocês ocupam demasiado espaço neste arranjo milimétrico que também é alfabético.

— E logo acrescentou, sem se conter: — Vão tomar laranja amarga para emagrecer!

Durante esse dia a Megaspirina não pode continuar a investigar porque foi um desatino de comprimidos a sair e a entrar na Farmácia Paladina. Quem estava doente tomava-os para se tratar e, quem não estava, tomava-os para não ficar. Por isso, permaneceu no seu lugar, muito quieta. Mas logo que a Farmácia fechou e todos se foram embora, a Megaspirina armou-se em esperta e, sem demora, ligou o computador, entrou na Internet com destemor e pôs-se a navegar na banda larga, sempre a acelerar.

Ao ver aquilo, a prima mais anafada teve um tremelique e disse em voz abafada — Estou quase a ter um chlique. Olhem para aquilo, já a formiga tem catarro!



— E tu, o que é que tens? Estás com pigarro? Pois fica a saber que já tenho aqui a informação necessária. Na Internet há de tudo como na Farmácia. Encontrei o que precisava e o que nem procurava.

As primas anafadas desataram a falar todas ao mesmo tempo, muito agitadas. — Diz lá, Megaspirina, foste feita no laboratório ou na Natureza? És parente do salgueiro-chorão?! Qual é a conclusão?

— Olhem, tenho aqui muitas pistas com montes de informação. Fomos feitas por cientistas que imitaram a Natureza para que ela cuidasse da sua beleza e não se gastasse a tratar de doentes. Ah... e querem saber mais? Para além dos nossos parentes, há muitos outros que são fabricados por vegetais e animais.

As primas anafadas estavam admiradas. — Isso é de mais! Então, quem não cuida da Natureza pode ficar doente? Tens a certeza? Estás contente por ser um anti-inflamatório feito no laboratório?

— Suas pedantes! Acabem com o interrogatório. Não sejam ignorantes. Informem-se, usem o multimédia ou vão à enciclopédia ...

Dito isto, a Megaspirina foi dar mais um passeio. Mas, ao virar uma esquina, tropeçou num almofariz e... Ups!... Não caiu por um triz! Ele ficou muito irritado. — Se voltas a fazer isto... desfaço-te em pó, trituro-te toda. Até os carbonos da tua estrutura deixam de fazer jogos de roda. Vais ver a tua linda figura! ...

Oh, oh!... Aquela criatura tinha ar ameaçador. Como seria a tal estrutura? Ia já fazer outra pesquisa no computador...



O VIDRO E A AREIA

A. M. Galopim de Carvalho

ilustração: Maria Lebre de Freitas | Designways



Naquela manhã, o Domingos, a Francisca e o Mateus, esquecendo o que a mãe sempre recomendava, levantaram-se da mesa do pequeno-almoço e não levaram, para a cozinha, os copos em que tinham bebido o leite. Correram para a rua, onde os esperava a carrinha que, todos os dias, os levava para a escola.

A mãe saiu logo a seguir, a correr a caminho do emprego, e, assim, os três copos ali ficaram esquecidos, com todo o tempo para fazerem o que costumam fazer sempre que não há ninguém a observá-los, isto é, conversarem uns com os outros. Foi então que o copo do Domingos, maior e mais experiente do que os outros, começou por lhes perguntar:

— Vocês, por acaso, sabem como apareceram aqui?

— Eu sei — respondeu o copo da Francisca. — Estávamos numa prateleira do supermercado, quando a mãe dos nossos meninos nos tirou de lá e nos trouxe para aqui.

— E tu, como é que cá chegaste? — quis saber o copo do Mateus, virando-se para o do Domingos.

— Eu já cá estou há muito tempo. Dei de beber ao pai deles e, uma vez, por pouco não me parti, quando o Domingos me deixou cair desta mesa para baixo. O que me valeu foi o chão ser de madeira.

Ao centro da mesa, muito interessada a ouvi-los, estava uma bonita jarra, também ela de vidro, que resolveu entrar na conversa, dirigindo-se ao mais sabichão:



— E tu, já que sabes tanto, sabes como foste feito?
Perante o silêncio que teve como resposta, a jarra dispôs-se a contar-lhes a história das suas vidas, começando por dizer:

— Se vocês forem para o campo, em muitos sítios do Alentejo, das Beiras, do Minho ou de Trás-os-Montes, vêem e pisam uma rocha muito dura, mas que, às vezes, se desfaz debaixo dos pés ou entre os dedos das mãos. É uma rocha que toda a gente conhece e a que se dá o nome de granito.

Neste ponto da história, achou por bem explicar:

— Dá-se-lhe o nome de granito porque é feita de grãos de umas coisinhas a que se chama minerais. Entre esses minerais, há dois que é preciso conhecer para se contar o resto da história.

— Quais são? — interrompeu, muito entusiasmado o copo mais crescido. — São o quartzo e o feldspato, precisamente os dois minerais mais abundantes à superfície da Terra. Repitam comigo: quar-tzo e fel-ds-pa-to.

— Quar-tzo e fel-ds-pa-to. — repetiram eles, a uma voz. Agora é preciso muita atenção — continuou a narradora. — Os feldspatos são como aquelas pessoas que, mal saem à rua, se constipam logo. Não resistem às acções do tempo. Apodrecem e transformam-se em argila, um pó muito fininho de que é feito o barro.

— E o quartzo? Também é assim tão lingrinhas? — perguntou o copo da Francisca.

— Não — disse a jarra. — O quartzo é um valentão. Resiste à chuva e ao sol, ao calor e ao frio. Nada o destrói. E continuou:

— Desfeito o feldspato, os grãos de quartzo ficam soltos e, assim, a chuva arranca-os e arrasta-os até aos rios que, por sua vez, os levam a caminho do mar. Uns ficam pelo caminho,

nas margens dos rios, fazendo parte das terras de aluvião, outros acumulam-se no litoral, onde formam as praias, praias que fornecem as areias que o vento sopra para fazer as dunas.

— E depois? — perguntou o copo mais crescido, maravilhado com aquela verdadeira lição.

— Depois — continuou a jarra —, é preciso dizer que a única coisa que acontece aos grãos de quartzo é ficarem redondinhos e muito brilhantes de tanto rolar, primeiro no fundo dos rios, quilômetros e quilômetros, e depois nas praias batidas constantemente pelas ondas em rebentação, num vaivém sem fim.

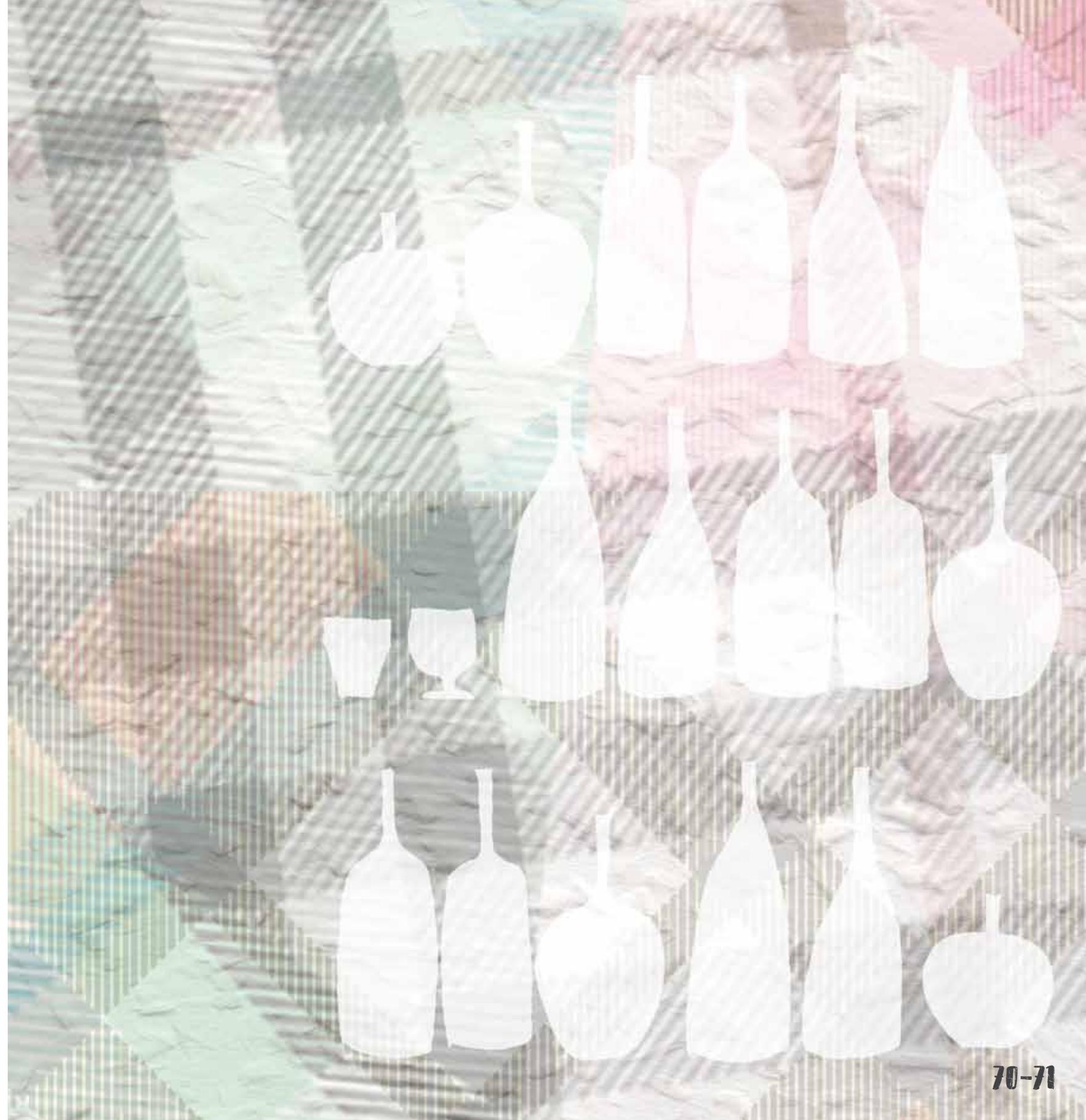
— E depois? — interessou-se o copo do Mateus.

— Depois é que vem o resto da história — disse a jarra, olhando em redor para se certificar de não haver ali ninguém que os surpreendesse naquela longa conversa. — Querem ouvir?

— Quereeeeeemos! — gritaram os três copos ao mesmo tempo.

— Então oiçam, muito caladinhos. Os homens antigos descobriram que a areia, colocada num forno muito quente, se derretia como manteiga. Descobriram ainda que assim, podiam fazer frascos, copos, garrafas e jarras como eu. Mais tarde aprenderam a fabricar vidros para as janelas, para as montras das lojas, lentes para os óculos e muitas outras coisas. E agora querem saber mais?

— Quereeeeeemos — gritaram de novo.



— Então prestem muita atenção! Se a areia for muito branquinha, quase só com grãosinhos de quartzo, fazem um vidro sem cor e que deixa ver o que estiver atrás dele, como vocês e eu. Já agora — interrompeu ela o discurso — quem é que sabe como se chama uma coisa que deixa ver o que está atrás dela?

— Sei eu! — exclamou, todo contente, o sabichão do copo do Domingos. — Chama-se transparente.

— Muito bem! — elogiou a jarra.

— Mas há garrafas verdes — lembrou o copo do Mateus.

— É verdade — confirmou a jarra — Umas são verdes, outras são como nós e outras são castanhas. Há vidros de muitas cores. Se a areia tiver impurezas ou se lhe juntar mos certas substâncias, o vidro já não fica transparente e sem cor, como nós,

— E eu a julgar que a areia só servia para os meninos brincarem na praia — disse um dos copos.

— Não! — exclamou a jarra. — Também serve para fazer cimento, loiça, plásticos e borracha. Serve ainda para temperar e enformar o ferro, e para fabricar produtos químicos e farmacêuticos. E por hoje já chega. Se quiserem aprender mais coisas, arranjem maneira de ficar aqui sobre a mesa, ao pé de mim. Se não, vão ser arrumados numa prateleira qualquer, longe de mim, e eu fico aqui sozinha sem ter com quem conversar.



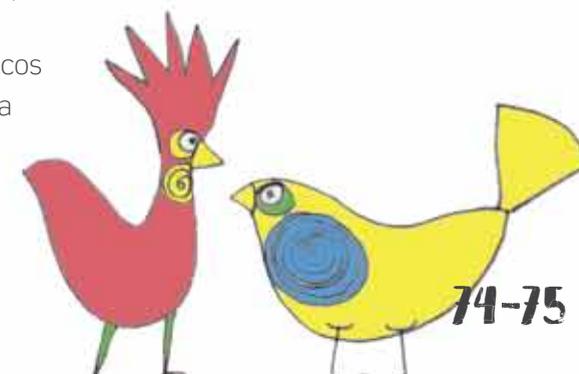


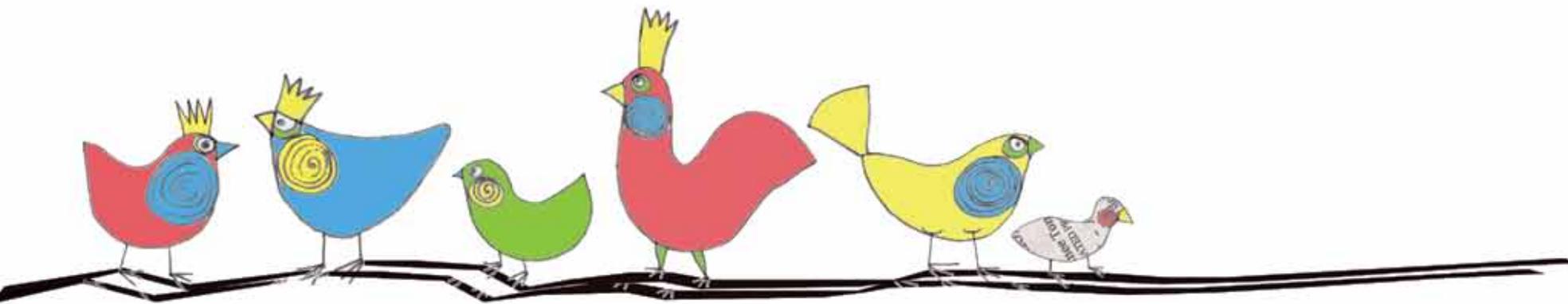
UM PAPAGAIO NO GALINHEIRO

A. M. Galopim de Carvalho

ilustração: Maria Lebre de Freitas | Designways

Embora constantemente interrompida por cantantes e sonoros có-có-ró-cós, a noite decorrerá tranquila na capoeira, sob o alpendre do quintal onde, diariamente, brincavam o Domingos e os irmãos mais novos, a Francisca e o Mateus, nascidos no mesmo dia e à mesma hora. Dentro daquele recinto fechado com rede de arame, coabitavam um galo, todo empertigado, uma dezena de galinhas a cacarejar, algumas delas boas poedeiras, quatro marrecos e um vistoso e grande peru que ali engordava à espera do Natal.





Sempre que alguém se aproximava, a agitação das aves crescia, barulhenta, na espera de receber a dose habitual de milho e couve cortada miudinha. Ao lado, numa outra prisão, sob o mesmo alpendre, meia dúzia de coelhos, silenciosos, entretinham-se a consumir os restos do molho de ervas que lhes sobrara da véspera.

Por cima da capoeira, num pombal mal atamancado, arrulhavam dois casais de pombos-correios. Ao fundo do quintal, no lado oposto ao do alpendre, uma grande marrã dava de mamar a um ninhada de pequenos leitões, enquanto aguardava, paciente, as sobras da casa, restos de cozinha bem mais saborosos do que as rações que a indústria disponibilizava aos criadores destes e de outros animais. Toda esta bicharada, a que se juntavam os pardais e os melros que todos os dias ali poisavam, em busca de um miolo de pão ou de um insecto, e ainda um gato dorminhoco e um cão sem raça definida, ainda cachorro, formava uma espécie de jardim zoológico caseiro, para grande alegria das crianças.

Aconteceu que naquela manhã, inesperadamente, mal clareava a aurora, abeirou-se do galinheiro um colorido e bem-falante papagaio. Importado do Brasil, no âmbito de uma actividade comercial sem escrúpulos que não respeita os valores da Natureza, fora comprado por uns vizinhos com casa do outro lado do muro do quintal. Aproveitando um buraco na rede, o papagaio entrou naquele espaço morno e húmido, causando grande alvoroço entre os residentes. Espantadas e ao mesmo tempo curiosas, face aquele intruso nunca antes visto, todas as aves se calaram

e se amontoaram, receosas, a um canto, longe do estranho visitante. Feito valentão e esperando, com isso, manter o domínio da capoeira, o galo aproximou-se e perguntou:

— Quem és tu e o que fazes aqui?

— Eu sou um dinossáurio moderno, com penas e tudo — respondeu de imediato o recém-chegado. — Fugi da casa onde me prendiam, dia e noite, acorrentado a um poleiro. Ouvia-te cantar e ouvia as diferentes vozes dos teus companheiros e companheiras, e só pensava em vir para junto de vós. Esta noite, finalmente, consegui libertar-me e aqui estou, a pedir-vos que me aceitem como um parente próximo que precisa de ajuda.

— Um parente próximo? — estranhou o galo, sem querer acreditar no que estava a ouvir. — Nós não somos dinossáurios nem tu te pareces nada com esses monstros, há muito desaparecidos. Somos aves, como as cegonhas, as águias, as gaviotas, os pombos que temos aqui, por cima de nós, e os pardais que entram por esse buraco, para virem debicar tudo o que lhes possa servir de alimento. Não somos dinossáurios, somos aves — rematou, convicto.

— Ai isso é que são! — insistiu o fugitivo, saído de casa de uma família que sabia muito destas coisas de ciência, o que ele, sempre de ouvido atento, ia aproveitando para aprender o que ninguém lhe tinha ensinado, lá na floresta amazónica onde o tinham capturado.



— Mas, então, não é verdade que esses grandes répteis se extinguiram todos, há muitos milhões de anos? — voltou ao assunto o rei da capoeira.

— Não! Não é verdade! — respondeu o papagaio. — Quando da grande mortandade causada por um enorme meteorito que caiu na Terra, houve um pequeno grupo de dinossáurios corredores, o mesmo a que pertenceu o Velociraptor, que resistiu. Depois, com o passar de muitos milhões de anos, estes sobreviventes foram-se tornando cada vez mais parecidos com as aves. Os seus ossos foram ficando cada vez mais leves e os seus corpos foram-se cobrindo de penas. Os seus braços transformaram-se em asas e, pouco a pouco, muitos deles aprenderam a voar.

— Não pode ser! — respondia o galo, desconfiado de uma história tão difícil de acreditar. E continuava: — Estás a fazer de nós um bando de ignorantes e, ainda por cima, parvos. Lá por vires do estrangeiro, não te armes em esperto e com o direito de te divertires à nossa custa. Se assim fosse, tínhamos aí pássaros do tamanho do Tyrannosaurus rex — rematou por fim, seguro de si e da verdade que julgava conhecer.

Sem desistir, o louro não parava de argumentar.

— O que vos estou a dizer tem vindo a ser confirmado pelos cientistas de todo o mundo — disse, com convicção. E continuou: — Olhem para os nossos pés e pernas e vejam que temos escamas como as cobras e os lagartos, ou seja, como os répteis. Olhem para o bico que a natureza nos deu, que é como o de muitos dos dinossáurios que se podem ver nos museus. Reparem que os nossos esqueletos, embora diferentes entre si, têm a mesma organização desses nossos parentes.

Nesta fase da discussão, o papagaio entendeu por bem chamar de novo a atenção daqueles seus interlocutores, ainda meio confusos.

— Há muito que os paleontólogos, isto é, as pessoas que estudam os fósseis deixados pelos seres vivos do passado, suspeitavam que nós descendíamos dos dinossáurios, mas só nos últimos anos se descobriram fósseis em número e variedade suficientes, que permitem provar que somos todos da mesma família, ou seja, que somos parentes uns dos outros.

Por fim, perante uma assistência calada, a meditar sobre tudo o que ouvira, a bela ave verde e amarela rematou:

— Quando o Domingos, a Francisca e o Mateus estiverem à mesa, a comer frango, ou quando, no Natal, se sentarem à volta do peru assado no forno, fiquem a saber que eles estão a comer dinossáurios.

Nesta altura, o Domingos aproximou-se da rede do galinheiro, para atirar, lá para dentro, uns grãos de milho que apanhara do chão. De imediato, as aves de capoeira calaram-se e só o papagaio falou, mas apenas para dizer:

— Olá!

— Ó mãe! — correu a criança, a gritar. — Temos um papagaio no meio das galinhas!



APOIOS:



FICHA TÉCNICA:

Título: Contos da Dona Terra

Edição: Câmara Municipal de Lisboa

Autores: Maria Helena Henriques, Maria José Moreno e A. M. Galopim de Carvalho

Coordenação do Projecto: Lisboa E-Nova e Agência Portuguesa do Ambiente

Ilustrações e Design Gráfico: Designways

Impressão: Imprensa Municipal

Nº de exemplares: 3000

ISBN: 978-989-96864-1-0

Depósito legal: 277199/08

Ano: 2010